



Nereide Alves de Lima
Pedagoga

Mestiça de fruto e transformação: a força de uma mulher que narra histórias atravessadas por luta

Uma rara tenacidade desponta em uma mulher que vive todos os dias em meio à omissão existente nas favelas. Nereide Alves de Lima apadrinha a dor do outro e a transforma em luta. A língua, às vezes, trava – decorrência da paralisia infantil –, porém a doença não impôs fronteiras. As palavras e os gestos dela transbordam os limites do universo Pirambu, um dos mais populosos bairros de Fortaleza.

Trabalhando em favor da juventude, Nereide é de tudo um pouco: professora, pedagoga, mediadora e mãe. “Passei 30 anos trabalhando dentro de hospital e me encontrei dentro da sala de aula”. As atividades e os ofícios exercidos emergem como um duplo: são caminho e chegada das decisões tomadas ao longo da vida. Vida que, através do novelo sinuoso da memória, pode muito bem travestir-se em épico cinematográfico. Por ela perpassam marchas e mortes, amores e desvios.

O amor é, especialmente, um sentimento de notável manifestação. Possui várias formas, ocasiões e nomes na narrativa da líder comunitária: Vicente, George, Cristiane, Luís, Maria, Juventude e, logicamente, Pirambu. Amar é sinônimo de brasa. Tornando-se mulher antes de ser moça, Nereide confessa que não foi iludida, ao contrário, gostou. Amar também é sinônimo de viver: “Sem amar eu não raciocino, eu não crio, eu não faço verso nem prosa se eu não estiver amando”.

Em uma marcha contra grupos de extermínio, a mulher que havia falado e andado tardiamente começou o cultivo de uma sólida carreira nas causas sociais. Hoje, para muitos, ela é conhecida como Nereide do

Pirambu. Trazer o bairro no nome é mais do que uma singela consideração. Ser Pirambu é incomodar! É encontrar, simultaneamente ao estigma, forças para mostrar que Pirambu significa muito mais do que carência.

A voz e as mãos fazem um inusitado contraste. Gargalhadas, sorrisos largos e toques singelos da pedagoga concebem palavras-navalha que encantam e incomodam. Durante o turbilhão que envolve a entrevista, tristeza é uma palavra forasteira. Surge durante a lembrança da dor sentida com a rejeição, mas não contagia ou enfraquece a felicidade do momento.

Inquieta, Nereide compreende que o futuro é uma construção contínua. Aprimora-se com novos cursos e especializações. O que vem à frente também é luta. Ainda assim, olhando para o passado, junto ao orgulho também existe revolta: “Eu estou desde os 13 anos de idade atuando dentro dessa comunidade do Pirambu. Teve mudança? Teve! Mas muito pouca. Falta vontade política de fazer a coisa acontecer. Fazer acontecer, principalmente, na periferia”.

Personagem-ação de uma Fortaleza esquecida, Nereide tornou-se uma das expressões mais vivas das transformações sociais e temporais de uma cidade internamente dessemelhante. O vigor de uma personagem tão cheia de dimensões torna injusta qualquer tentativa de enquadrar ou resumir a presença dela. Personificação pujante do Pirambu, a mulher de muitas faces releva como este não é um cenário produzido apenas pela ausência das canetas dos poderosos, mas um microcosmo que jamais perde a capacidade de maravilhar.

Equipe de Produção:
Daniel de Rezende
Mylene Gadelha

Entrevistadores:
Atala Souza
Brenda Albuquerque
Daniel de Rezende
Erick Bruno
Frida Popp
João Gabriel
Mylene Gadelha
Rosiane de Melo
Taís Barros

Texto de abertura:
Daniel de Rezende

Fotografia:
Chloé Leurquin



Entrevista com Nereide do Pirambu, dia 03 de dezembro de 2015.

Daniel – Dona Nereide, atualmente a senhora trabalha como professora no Projovem e na UVA. Eu quero saber o que é que motiva a senhora lutar e ensinar para a juventude todos os dias.

Nereide – Acreditar! Eu acredito demais na juventude. Eu acho que o ponto fundamental para que haja uma mudança é a educação. E, se eu não acreditar nos jovens, não adianta. Passei 30 anos trabalhando dentro de hospital, e me encontrei dentro da sala de aula.

Tem uma diferença enorme, né? De *cliente* – não posso nem chamar de clientela, pois são alunos... O aluno do Projovem é de alta vulnerabilidade (*o Programa Nacional de Inclusão de Jovens, Projovem, é um programa que busca colaborar com a formação profissional de jovens de baixa renda, contextualizados no mercado de trabalho. Criado em 2005, o Projovem se divide em quatro modalidades, para atender jovens de vários perfis: Adolescente, Trabalhador, Campo e Urbano. A Prefeitura Municipal de Fortaleza atua hoje com o Projovem Urbano*). Ele é aquele aluno que foi esquecido por ele mesmo e pela sociedade porque ele não teve ninguém para dizer: “Você tem de fazer... Cuidado, você está perdendo tempo se não estiver na escola”. Assim ele passou, queimou etapas e deixou o estudo para o segundo ou terceiro plano. Agora, o mercado de trabalho pede que essa pessoa esteja qualificada. Ele (*aluno*) diz: “É minha hora de começar a sonhar de novo...” No Projovem ele começa a sonhar. “Vou fazer meu fundamental”. Já estão me perguntando se vai ter o ensino médio no Projovem, pois é mais fácil, mais prático.

Na faculdade (*Universidade do Vale do Acaraú, UVA, instituição de ensino superior gerenciada pelo Governo do Estado do Ceará*), quando eu olho para os alunos, digo: “Meu Deus, que diferença...” Há na faculdade uma vontade do aluno em fazer aquela coisa acontecer mesmo, não quer perder nenhum momento. Cada dia é um dia diferente para ele. Há diferença e é bom! Eu acredito nas duas modalidades. Esse jovem que tá lá (*no ensino*) é o que passou pelas casas socioeducativas, passou pelo crime – o qual ele pagou e quer recomeçar. Também há aquelas mulheres que estão lá estudando, mas o marido está perturbando lá do presí-

dio para saber se ela está na aula mesmo. Então, cada coisa é uma coisa totalmente diferente. Então, é acreditar. Acreditar que é na juventude que está o progresso deste Brasil que a gente tanto pede.

Mylena – Nereide, sempre que a gente para *pra* conversar, você fala muito da questão do trabalho social e do que você passou ao longo dos anos. De que forma você acha que esse trabalho modifica a realidade em que a senhora vive?

Nereide – Eu acredito que, se houvesse mais vontade política para as questões sociais, muita coisa mudava. Eu estou desde os 13 anos de idade atuando dentro dessa comunidade do Pirambu. Teve mudança? Teve! Mas muito pouca. Se tivessem investido mais (*em questões sociais*), nós não estaríamos nas brigas de facções (*constituídas*) só por jovens de 16 aos 22 anos. Nós estamos perdendo os jovens a cada dia e isso é falta de mais querer político – vontade política. De fazer a coisa acontecer. Fazer acontecer, principalmente, na periferia. A periferia está muito solta ainda, não são feitas as coisas na totalidade...

Frida – (*interrompendo*) Nereide...

Nereide – Pois, não.

Frida – Você falou aqui e na pré-entrevista que começou o trabalho social com 13 anos. Como foi que se deu esse começo? Como que a senhora chegou ao trabalho social?

Nereide – Com uma grande briga das lideranças aqui do Pirambu, umas que hoje já não vivem mais. Elas estavam brigando por uma marcha. Uma caminhada que a gente queria fazer aqui no Grande Pirambu... Essa caminhada já era consequência (*da luta contra*) um grupo de extermínio. A maioria das pessoas que faziam parte desse grupo de extermínio era ligada – falo isso sem medo – à polícia e já morreram, mas eu tomo licença para citar o sargento Rogério (*Antônio Rogério Franco Barros, o “sargento Rogério” morreu em 15/10/2006. Entre os anos 1980 e 1990 ele foi apontado como o líder de um grupo de extermínio por fuzilamento no bairro do Pirambu. Em janeiro de 2004, depois de 13 anos de fugir do Ceará, Rogério foi recapturado no interior de São Paulo. Quando morreu ele estava em regime semiaberto*). Então, alguns jovens estão desaparecendo, né? Nós resolvemos dar um cala a boca.

O nome de Nereide para a entrevista surgiu por indicação de Mylena, que já a havia entrevistado, junto com Tais Barros e João Gabriel, para a disciplina de Telejornalismo II, ministrada pela professora Mayara de Araújo.

Um dia após a eleição dos entrevistados para a edição 35 da revista *Entrevista*, Daniel e Mylena fizeram o primeiro contato com Nereide por telefone na Rádio Universitária.

Ao ligar para a dona Nereide, enquanto o celular está sendo chamado, é possível escutar a música *Meu Talento de Anitta*: *Pode vir que vai começar/ não tem mais jeito/ e não adianta tentar/ Já foi, tá feito!/ Esse som é pra dominar/ teu pensamento.*

Imagina isso aí, você não era nem nascida (*aponta para a Frida*), se era, devia ser pequenininha... Imagina brigar com o sistema bruto que é o da segurança.

Por isso que às vezes eu me dano e digo que não vejo modificação! Nós fomos para as ruas aqui do Pirambu. Inclusive, o (*advogado*) Airton Barreto foi um dos mentores, ele é uma das lideranças que sempre estiveram aqui conosco (*Airton Barreto é líder e criador do Movimento Emaús, entrevistado na Revista Entrevista número 29*). Eu comecei a gostar daquilo, do movimento do povo – é bacana brigar pelo que a gente acredita.

Num segundo momento, eu perco o meu marido, pai dos meus filhos, que tinha 23 anos: Vicente Martins Sobreira. Morreu na porta de casa, no dia da Procissão do Senhor. Uma procissão aqui do Grande Pirambu que na época era comandada pelo Padre Caetano (*Gaetân Minnete de Tillesse, conhecido como Padre Caetano. Nascido em Nederockerzell, na Bélgica em 07/06/1925. Após 11 anos lecionando a disciplina de Bíblia, Liturgia e Novo Testamento em um mosteiro, resolveu vir para o Brasil, mais precisamente, para Fortaleza, onde existiam muitas comunidades carentes. Padre Caetano ajudou a mudar o perfil do Pirambu trabalhando na comunidade paroquial do Cristo Redentor. Morreu em 01/01/2010*). Foi aí que eu entrei mesmo *de rochedo* – como dizem na linguagem popular –, porque eu fui sempre caminhando dentro das favelas e sendo respeitada pelas facções pequeninhas: os ladrões, os reformados, os pequenos dentro da nossa comunidade: Barra do Ceará, Co-

“Nós estamos perdendo os jovens a cada dia e isso é falta de mais querer político – vontade política. De fazer a coisa acontecer. Fazer acontecer, principalmente, na periferia. A periferia está muito solta ainda, não são feitas as coisas em sua totalidade...”

Durante a primeira ligação para Nereide, Daniel pensou que a música que tocou enquanto esperava a ligação fosse alguma interferência causada pela rádio.

lônia, Arpoador, a tão falada Praça do Abel, Areia Grossa (*comunidades que formam o Grande Pirambu*). Comecei a me envolver com a questão da moradia, da casa, de buscar coisas para os jovens. Mas o que motivou foi meu marido, morto por um delegado em começo de carreira: Elias Gonzaga, também falecido.

O Elias (*José Elias Gonzaga*) tinha estudado comigo na escola. Ele era então o delegado de Tauá e ele estava aqui em comemoração (*ela quer dizer em memória*) pela morte do pai dele (*Tauá é um município localizado a 337 km de Fortaleza, na região do Sertão dos Inhamuns do Estado do Ceará*). Havia sete anos que o pai dele tinha morrido e nesse dia de comemoração ele fez inúmeras coisas ruins, uma delas foi matar o meu marido. Foi uma bala só, uma bala dundum (*bala dundum é o nome para os projéteis de armas de fogo concebidos para se expandir e fragmentar durante o impacto*).

O dia da morte mexeu com toda a comunidade do Grande Pirambu, pois (*o Vicente*) era um menino bom e – além de ser de uma família muito boa – ajudava junto comigo a comunidade. Então, eu disse: “É agora que eu vou pra cima de novo”. Eu fiz outra caminhada: a Primeira Caminhada contra a Violência dentro do Pirambu, essa também foi puxada pelo Airton Barreto. Eu fiquei marcada e essa caminhada mexeu, há 31 anos. Também mexeu muito dentro da comunidade e com a Secretaria de Segurança. Gente, eu fui pra cima, *sabe?* Consegui fazer com o que o delegado perdesse todos os benefícios dele. Foi uma luta boa, foi uma luta que eu vi resultados. Demorou dois anos, mas teve resultado. Nesses dois anos, eu fui ameaçada de morte pelos irmãos do delegado e pelos *caras* que mataram ele.

Brenda – Eu quero entender a circunstância da morte do Vicente. Como foi isso?

Nereide – (*interrompendo*) É porque acho que o rapaz encontrou o dia pra fazer a maldade, esse dia ele estava fazendo maldade em todo o Pirambu, tanto é que houve aquela questão da caminhada contra a violência, porque foi um ato violento... Sem mentira, é difícil! Inclusive, o (*jornalista*) Tom Barros, na época, disse na rádio bem alto: “Homem pegou nas nádegas (*da mulher*) do oficial do Exército” Houve toda a confusão...

Nesse dia nem short eu botei porque ele (*Vicente*) tinha muito ciúme de mim, o short que eu andava era curtinho hoje, ele não deixava. E não foi, ele simplesmente *barruou*, meu marido maravilhoso, meu marido que a gente viveu muito tempo... Vivemos 13 anos juntos, ele quando *barruou*, ele falou... O cara falou. O Vicente ia pegar a Cristiane,



A pré-entrevista com Nereide aconteceu na casa da Clara Marques, aluna do sexto semestre do curso de Jornalismo da UFC. Nereide é a madrinha dela.

que vinha saindo de dentro de casa, minha filha... E o Vicente fez isso (*Nereide fez gestos com os braços, como se estivesse se desvencilhando*), mas para se soltar porque teve dois caras que o seguraram. Quando foi pra ele se soltar, eles vieram com H (*gíria cearense para lorota, mentira*) no depoimento deles, dizendo que o Vicente tinha puxado a arma pra eles. Mentira, pois eu estava perto! Disseram que era porque tinham pegado nas minhas nádegas... Menina, foi muita confusão, passou quatro meses eu sendo manchete de jornal.

Foi então que a gente fez a caminhada contra a violência, o Aírton Barreto ajudou, mudou o rumo da história. Mas não houve motivo (*para matar o marido dela*)... Motivo de morte era maldade. Tanto é que não tinha a (*pistola*) .40, né? Era bala dundum. Aquela bala que explodia dentro da pessoa. Quando eu estive no IJF (*Hospital Instituto José Frota*), que não é esse IJF de hoje, inclusive, eu tive de dar uma de policial porque o cara da polícia civil queria pegar a bala. Eu chamei todo o Exército pra dentro do IJF, coisa de cinema mesmo. Quase que um abraço, porque foi um crime bárbaro! Quando o cara foi entregar a bala, me lembro bem (*de que alguém do Exército falou:*) "Essa bala pertence ao Exército Brasileiro, pá, pá, pá..."

A bala veio e o cara ainda foi preso quase dois anos no Quartel dos Bombeiros. Ele tinha muita influência porque era casado com a filha de um juiz e hoje as influências ainda são muito pertinentes, mas eu o persegui até

o dia da morte dele. Mas ele morreu bebendo cachaça porque também era um jovem, começo de carreira e ele acabou com a carreira dele porque eu, Nereide Alves de Lima, do Pirambu, hoje denominada, acabei com a carreira dele, tirei ele do posto. Ele era advogado, passou a ser advogado de cadeia e não teve sucesso. Pronto, morreu bebendo cachaça, morreu em coma alcoólico.

Frida – Depois que o Vicente morreu, como foi sustentar três filhos sozinha e...

Nereide – (*Interrompendo*) Pergunta assim: "Nereide, quantos dias tu passou solteira depois que o Vicente morreu?" Eu fui acompanhada de namorado na missa de sétimo dia. Todo mundo olhou pra mim, assim espantado, mas é verdade. *Me lembro!* De calça branca, belíssima, com uma blusa linda preta e branco, entrando com o namorado, que era o melhor amigo dele. *Se tu se chocou*, imagina a comunidade.

Mas qual era o pensamento? O Vicente sempre dizia que quem ama não pode ficar só porque se não vai ter estresse, vai ficar velha antes do tempo... O mal amado não é isso, não transmite isso. Eu disse: "*Valha*, se o rapaz me deu a notícia porque é que eu não vou?" E fui e passei oito anos com o amigo dele. E gente, que coisa bacana, por que namorar com amigo? Porque eu achava que o Vicente contava alguma coisa pra ele, porque, se ele veio atrás de mim, alguma coisa ele tinha, né? E a gente viveu oito anos muito bem, não tivemos filhos.

Tais – Eu fiquei curiosa pra saber: o Vi-

A casa de Clara Marques fica a menos de um quarteirão do Hospital Infantil Sopai. A tia de Clara lembrou que ela conheceu Nereide enquanto ela caminhava pela rua em direção ao trabalho.

O primeiro encontro com Nereide não ocorreu na data previamente agendada, ela acabou se esquecendo da pré-entrevista. Ainda assim, ligou para a equipe de produção pedindo desculpas e sugerindo uma nova data.



Enquanto a equipe de produção esperava dona Nereide para a pré-entrevista, Daniel e Mylena ficaram preocupados em saber se algo acontecera com ela. Ao ver a cena, a tia de Clara falou: "Tu é doido? Ninguém mexe com a Nereide aqui, não! Pode ter certeza que ela vem".

cente foi o grande amor da sua vida?

Nereide – Grande amor da minha vida, certo? Ele foi o grande amor, mas eu tive outros amores de formas diferentes porque a gente ama de forma diferente. Agora o amor, né? Criança, né? Adolescente... Criança mal saída lá do estatuto (*refere-se ao Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA*)... Que até 12 anos você é criança. Já fui entrando pra adolescência já com amor, com o Vicente. Mas o mundo me proporcionou outros amores, a gente ama cada um de uma forma diferente! Por isso que eu gosto de amar porque amar é bom demais e eu sou movida ao amor, eu acho que é o que me move nessa autoestima é estar amando alguém. Sem amar, eu não raciocino, eu não crio, eu não faço verso nem prosa se eu não tiver amando. Hoje eu amo um *coroa*, se eu soubesse que o *coroa* era tão bom eu tinha amado ele há mais tempo porque eu deixei um namorado de 26 anos pra gostar desse *coroa* que eu tô hoje.

Erick – A senhora falou que vive de amor e o amor pelo Vicente despertou muito cedo. E a senhora falou também, há algum tempo atrás, que tudo sempre foi difícil na vida. De que forma a senhora acha que esse amor, tão forte e tão cedo, foi determinante para que soubesse lidar tão bem, com tanto astral, com essas dificuldades da vida que vieram para a senhora?

Nereide – Eu acho que as palavras do Vicente influenciaram muito quando ele disse: "Ninguém vive sem o amor, não passa uma noite dormindo só." Ele era louco! Então, ele me incentivou e eu acho que, quando você tá com alguém que você... Falando do amor, né? Que principalmente nós mulheres, a gente se doa muito ao amor mais que o homem, mas quem mais sofre por amor é o homem e não a mulher. Quem chora por amor é o homem e não a mulher. Porque a mulher, quando sai de uma relação, o primeiro canto que ela vai é se embelezar, é gastar dinheiro com roupa, com beleza. E as palavras dele me motivaram a estar sempre amando, acho que pra me sentir mais viva, pra minha autoestima tá pra cima, tá? Então, eu procuro estar amando, em momento algum, nesses anos todinhos, nenhum momento eu fiquei só nem quero. Se o menino me deixar eu já vou arrumar outro, rapidinho.

Erick – A luta da senhora começou em acreditar na luta contra a violência quando ainda era muito jovem. Naquela época, o País passava pelo período da ditadura militar e agora passou por todos esses anos todos de redemocratização. Como a senhora percebe esse contexto, mudou alguma coisa nele?

Nereide – Você quer que eu lhe diga com sinceridade? Está é matando mais agora!

Muito mais... *(estala os dedos)*. Nós, em uma semana aqui no Pirambu, tivemos morte de 19 jovens. Está matando mais do que no Iraque. Agora, nessa semana, tá vendo Ludmila *(filha da dona da Auri Peças. A entrevista foi concedida na casa de Ludmila, que fica no andar de cima do estabelecimento comercial da família. Durante toda a conversa, Ludmila estava atenta à fala de Nereide e dos alunos)*, já tivemos seis mortes – na verdade, oito, com os dois meninos que mataram ontem de noite. Então, eu sempre digo: “Gente, cadê a mudança?”

O jovem clama: “Nereide, arranja alguma coisa pra mim, por favor.” Tem o CUCA (*Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte. Rede de projetos vinculada à Prefeitura de Fortaleza*), que abre 4.000 vagas *(para atividades diversas)*, mas só dos 15 aos 29 anos. E o nosso crime tá sabe onde? Parece mentira... Porque o crime começa quando a criança entra em contato com a droga e agora ela tem contato já com sete anos de idade. É um absurdo! Se com sete anos ele pode aprender sobre crime, com nove ou dez ele já está com uma arminha para atirar.

(Se essa criança) depara com uma Nereide da vida – eu não sou hipócrita. Trabalho na Prefeitura, mas não compactuo com coisa errada –, ela diz: “Tia, arranja alguma coisa pra mim”. Muitas vezes você fica de mãos atadas, sabe? Isso ocorre porque você não tem a caneta. Quem manda é a caneta, e quem manda, quem tem essa caneta, não está na base, e a base também não é ouvida. Seremos ouvidos se pegarmos um bocado de panelas e sair dando uma de doido como antigamente. Eu estava conversando há pouco com uma colega e disse: “Vai ser preciso mesmo voltar ao que era anos atrás? Na era da tecnologia e da comunicação a gente sair batendo panela”. É uma era de tudo a mais, mas eu vejo que é tudo a menos. Essa é a minha opinião.

João Gabriel – A senhora relatou muitos problemas que o bairro passa e a questão da falta de oportunidade dos jovens, mas a gente sabe que tem coisa boa. Tem muita luta no Pirambu. Como é que a senhora encara esse estereótipo que existe no Pirambu, o estigma de ser um bairro só com violência, só com problemas?

Nereide – Nossa violência, hoje, está vindo de fora para dentro. Os nossos meninos, nós conseguimos controlar. Como é que controla? Acreditando que esse menino pode fazer uma capoeira, que ele pode pintar, que ele pode andar de skate. Para isso, nós estamos até pedindo para as autoridades que invistam um pouquinho nas nossas praças. Nós descobrimos que está vindo muita gen-



Quando Nereide foi perguntada pela produção pelos motivos de ter se tornado professora, ela respondeu: “Eu nasci para isso! Meu currículo tem mais de 30 páginas”.

Poucos dias após a pré-entrevista, Nereide ligou para Daniel. O contato não foi intencional, a neta de dona Nereide brincava com o celular e ligou sem querer.

No final de semana antes da entrevista, Nereide ligou por volta de 10 horas da noite para tentar remarcar a entrevista, pois ela precisava fazer uma viagem com os alunos. Contudo, não foi preciso fazer a remarcação, já que ela retornou para Fortaleza um dia antes da entrevista.



“Pergunta assim: “Nereide, quantos dias *tu* passou solteira depois que o Vicente morreu?” Eu fui acompanhada de namorado na missa de sétimo dia.”

te de fora, pois os meninos estão envolvidos com facções, que eu não sei se são coisas da cabeça deles. Mas (*ainda assim*) são facções pesadas... Eles estão morrendo, né?

Mas o estereótipo, antes, para nós era pior, porque nós tratávamos de pessoas com crimes de alta periculosidade. Nós tínhamos também o pessoal do crime que ajudava dentro da comunidade nas questões sociais. Eles davam cestas básicas para nós distribuímos para o povo. Na mesma hora em que eles faziam isso, eles estavam pagando para ter a liberdade de fazer o que eles queriam. Hoje a gente já não tem isso, a clientela pesada, são só meninos armados com 12. Ontem morreu um carinha perigoso, com três caroços de 12 na cabeça, apareceu em toda mídia. É aquela história: “Você é de onde?” “Eu sou do Pirambu”, a pessoa faz “vish”. Mas, sim, nós temos coisas boas aqui. Nós temos o ballet, nós temos a cultura. Se vocês saírem daqui e passarem na Vila do Mar, por volta de umas cinco e meia para as seis horas (*da tarde*), vão ficar assim (*deixa o queixo cair*). Agora, já estamos tão *bitolatos* a falar só de coisa ruim que parece que as boas não existem. Nós temos o projeto 4 Varas, temos várias associações, temos o surf... (*Vila do Mar é um projeto de reurbanização da área de praia da Prefeitura de Fortaleza*)

Ludmila – (*Interrompendo*) Além disso, o Projeto 4 Varas recebe até pessoas da Unifor

(*Universidade de Fortaleza, maior faculdade privada do Ceará*) para atender aqui dentro do Pirambu e de forma gratuita (*Projeto 4 Varas são ações multidisciplinares na área da educação, da saúde e de psicoterapias comunitárias*).

Nereide – Belíssimo, né? Temos as meninas dançando Zumba na Vila do Mar. Outro dia, um homem veio até da Record para fazer uma reportagem sobre isso e veio atrás de mim. Bem, *fiquei assim* porque uma vez eu saí na Globo e agora ia sair na Record. Até tenho um sobrinho que é produtor do programa da Xuxa e toda vez que eu apareço em uma televisão diferente ele me avisa: “Tia, faça isso não”. Então eu digo: “Pois traga a Xuxa para o Ceará”. (*risos*). Tem tanta coisa boa mesmo, temos a associação Vovó Marieta. Temos uma UPA que tem atendido maravilhosamente bem (*Unidade de Pronto Atendimento, UPA, é um tipo de unidade hospitalar de média complexidade implantado em várias cidades do Brasil, fazendo parte do Sistema Único de Saúde*).

Nós estamos também iluminando toda a nossa comunidade com luzes de LED. É um projeto da prefeitura, mas se a gente não for atrás a gente não tem... E eu estou correndo atrás dessas luzes, porque diminui a insegurança. O ladrão no claro não gosta de roubar, pois sabe que vai ter alguém olhando na janela, ainda mais no Pirambu.

Ao ser apresentada aos outros alunos da disciplina, Nereide fazia um comentário para cada um: “Frida, linda”, “Gostei muito de você, Erick”.

Rosiane – Dona Nereide, a senhora falou que o Pirambu tem diversos projetos sociais. Então, por que a senhora acha que ainda existe estereótipo e por que há tanta violência no Pirambu?

Nereide – Nasce menino demais, né? As mães não têm estrutura. Não é família desestruturada, não acredito em família desestruturada. Porém, os pais não têm tempo para educar, tem muito menino fora da escola e assim eles ficam na rua. Pronto: o que é que eles aprendem na rua? *Só coisa boa*. Às vezes, são até forçados a fazer coisas que não devem.

Parece mentira, um menino que nasceu hoje, daqui cinco anos – não se preocupe, não são todos –, mas aqueles que não tiveram oportunidade dentro de casa, foi na rua onde ele foi procurar. A casa, a família é a base de tudo, independentemente do pai bêbado ou qualquer coisa que há na família. *Pra mim o laço familiar ainda é muito forte*. Eu criei meus filhos sozinha, ora! Só teve um que desviou, mas agora está *virando gente*, pois está tendo as mesmas oportunidades que os outros tiveram. Às vezes, pode ser índole; tem um irmão meu que diz que quando as pessoas nascem com índole não há quem tire, mas me questiono muito com isso. São as perguntas sem respostas, e podemos morrer com elas.

Daniel – A senhora também participou da segunda turma (*do projeto*) de mediação no Pirambu. O que eu quero saber é como esse trabalho era realizado aqui na comunidade.

Nereide – A doutora Socorro França é mentora do Programa de Mediação e colocou o Pirambu como primeiro! Teve uma primeira turma e, na segunda, eu disse: “Opa! eu vou para a mediação”. É uma forma de ouvir as pessoas, não se meter, e fazer com

que elas mesmas resolvam os problemas. (*Na época*) eu fui fazer uns cursos com o pessoal da faculdade e eu, muito metida, apareci logo. Eu gosto de aparecer. Fui mediadora por seis anos. Era fantástico como as pessoas acreditavam na gente. Elas iam com uns problemões desse tamanho (*estica os braços*), achavam que nós íamos resolver e queriam que nos metêssemos. No final, eles diziam assim: “*Valha, nós que resolvemos. Vocês não fizeram nada*”. Mas isso ocorre por que nós escutamos. Por isso que eu digo: “O conversar, o escutar e o estudar; às vezes precisa nem opinar”. A mediação no Pirambu foi um salto grande e para mim então... Porque me deu abertura de portas na minha vida.

Quando você passa a adquirir conhecimento e não fica com ele só para você, você cresce. Agora, se você tem um conhecimento e guarda só para você, tenha toda a paciência, pois não vai dar certo. Nunca você vai se tornar um bom profissional com medo do outro, não se pode ter medo do outro. Eu não tenho medo do outro, não posso falar: “Não vou passar esse conhecimento, pois você vai ficar no meu lugar”. Ninguém tem lugar, você conquista esse lugar. Por causa desse trabalho (*de mediação*) e de outro voluntário que eu fazia em Caucaia (*município da Região Metropolitana de Fortaleza*), como agente do Juizado da Infância e da Juventude, ganhei uma bolsa integral para estudos na Primeira Especialização Interdisciplinar em Estudos da Criança e do Adolescente dentro da Escola Superior do Ministério Público. Era um curso que ia me custar quase R\$ 18.000 e não estou pagando nada. Estou me destacando lá com os promotores e com os advogados. Quatro pessoas do Pirambu ganharam essa bolsa depois de uma seleção. Por isso que eu digo que a mediação abriu portas para mim, muitas portas para o conhecimento e para meu crescimento.

Erick – Como foi que a senhora se viu realmente como mediadora, como compreendeu que era esse o papel que ia desempenhar na sociedade?

Nereide – A partir da alegria do outro em ver um problema resolvido por ele mesmo. As mediações aqui se dão muito por questão familiar, briga de vizinho e pensão alimentícia. São só coisinhas pequenas que ficaram muito tempo no Fórum, mas, quando passavam por nós, se resolviam da melhor forma possível. Eu me engrandeci quando as pessoas me viam e falavam: “Olha, estou bem e estou bem com a pessoa que estava lá comigo”. É você ver que resolveu um problema sem se meter ou perder a amizade de nenhuma das pessoas. Nós não podemos, nem eu

Já quando foi apresentada ao professor Ronaldo, Nereide quebrou a sequência de elogios e fez um comentário de brincadeira: “Esse não vale nada!”

“Sem amar, eu não raciocino, eu não crio, eu não faço verso nem prosa se eu não tiver amando. Hoje eu amo um *coroa*, se eu soubesse que o *coroa* era tão bom eu tinha amado ele há mais tempo...”

Antes mesmo de começar a entrevista, Nereide se virou para o professor Ronaldo e disse: “*Tá complicado, ontem mesmo mataram dois meninos aqui perto*”.

Durante a entrevista, Nereide, para exemplificar o tamanho de um dos alunos dela do Projovem, apontou para Erick e disse: "Ele é grande. Tem umas três vezes o tamanho desse aí".

nunca fiz, mediação com um grau de parentesco próximo, mas, em alguns momentos, a amizade com uma das pessoas é tão grande que eu penso se pode atrapalhar... Mas não. Passei cinco anos na casa de mediação e agora estou sendo chamada para voltar, só não tenho tempo.

Mylena – Nereide, desde a pré-entrevista você fala muito da questão de acreditar no jovem e trabalhar com eles. Mas isso foi desde o início? Como surgiu isso?

Nereide – Desde o início. Surgiu com um menino. Ele morava aqui na Comunidade da Sintelco (*antiga comunidade de Fortaleza, onde está localizada hoje a vila Seis Irmãos*) e foi uma pessoa que começou muito cedo na criminalidade. O pai dele foi preso, a mãe também. Era ele que mandava aqui na comunidade e eu, trabalhando, tinha de mandar alguns recados para ele avisando que ia passar para ver algumas questões da comunidade. Então, ele foi se interessando pelo trabalho. Na época, ele tinha 16 anos e dizia: "Queria tanto voltar a estudar". E a gente estudou! Hoje, ele não está mais entre nós, mas ele se inseriu de novo, voltou para a comunidade. Teve um pedido que ele me fez que não me esqueço: "Nunca deixe o jovem, a senhora é muito boa". Depois, quando eu já não visitava mais o reduto dele, descobri que ele morreu de tuberculose em decorrência das drogas, fiquei com pena e não me avisaram. Eu não pude ajudar nem no funeral.

Rosiane – Você também falou no período de produção de entrevista que desde o começo da sua militância, a senhora também trabalhava com jovens em situação de risco, principalmente usuários de drogas e moradores de rua. Como é conviver com essa situação e como a senhora consegue lidar com isso?

Nereide – É sendo um pouco mãe, é também o que eles procuram. Tem meninos *de* rua e meninos *da* rua – o que vai para a rua, mas tem uma casa; e o que mora na rua. Eu tive uma experiência muito boa como educadora social. A Flor (*educadora da Fundação*

da Criança e da Família Cidadã, Funci), que também era uma educadora muito conhecida, me dizia: "Nereide, tu não existe". Isso porque eu não usava de repressão, e, vocês sabem, tem educadores que são repressivos. Eu sentava e levava pintura, corda, brincadeiras. Eu gostava, pois era viver um pouco em família, coisa que os meninos não tinham em casa. Os próprios amigos do meu filho ficavam até impressionados comigo, pois ele usava droga e eu o tratava com naturalidade. Eu perguntava para o George: "Fumou quantos cigarros? Usou Crack?" Os meninos (*diziam*): "Na minha casa, é seu bandido, vagabundo, marginal, come e dorme". Tem de ter um tratamento diferente com esse adolescente e com essa criança.

Para você ver como tem de tratar diferente: uma vez eu estava no Natal de Luz e chegou um menino todo sujo para falar comigo. Nessa hora, eu estava falando com o pipoqueiro, pois não resisto a uma pipoca doce, e o vendedor ficou *meio assim*. O menino chegou perto e disse: "Que é isso, essa aqui é a Tia Nereide, essa ninguém rouba. Ela cuidou de mim há muito tempo". Olha gente, não é bondade nem demagogia, mas quando vejo algo assim eu preciso dar um abraço. E abracei, mesmo ele estando todo sujo daquele jeito – porque a pessoa, mesmo estando na rua, está viva ainda. Eu perguntei para ele: "E aí? Quando é que vai para o acolhimento?" Ele me respondeu que não queria e estava melhor na rua.

Eu não posso deixar de ser esse elo, porque tenho também de ser aquela Nereide que ele conhece. Não reprimi com 12, por que vou reprimir agora quando ele tem 22? Não posso, de jeito nenhum, mas, se eu não tirei da rua, não fui eu, foi ele que não quis. Nós vivemos de escolha, ninguém pode estar forçando os outros a fazer nada, não. De jeito nenhum! É escolha! Você escolhe o que você quer ser, é a minha opinião, por mais que vocês não achem. Meu menino usa maconha e eu vou proibir ele de fazer isso? Não vou! Vou orientar, mas não vou proibir, pois, se eu proibir, em vez de um, ele fuma dez. A proibição funciona assim, ela estica.

Brenda – Nereide, ao longo da sua militância, teve alguma situação em que você sentiu medo?

Nereide – Teve! Foi numa invasão de um trecho da Vila do Mar, acho que foi há uns seis anos, minto, uns dez anos... Eu era técnica da defesa civil e nós fazíamos toda uma revisão de área e uns meninos colocaram uns barracos. Isso não era para ter sido feito, pois a área já tinha sido delimitada para o calçadão e também tinha uns jovens de alta periculosidade.

"Está é matando mais agora! Muito mais... Nós, em uma semana aqui no Pirambu, tivemos morte de 19 jovens. Está matando mais do que no Iraque."

Ao falar sobre o talento mediúnico dela, Nereide disse que tinha histórias relevantes para contar para João Gabriel. Contudo, a conversa entre os dois acabou não ocorrendo.



Então, eu tive de enfrentar os meninos... Tinha uns muito metidos a danados, e eu sou muito *nojenta*, não me provoque que eu vou pra cima. Eu fiquei com tanto ódio que dei um *telecatch* na porta, uma voadora com a porta, *iá* (*Telecatch* ou *Telequete* é como eram chamados os antigos programas dedicados à exibição de combates de luta-livre que combinavam encenação teatral, combate e circo. Na linguagem popular, *telecatch* virou *gíria* para golpes dados de maneira espetacular e sem técnica). Quando eu fiz isso, eu caí, saí até na televisão (*risos*). Com a queda, eu não senti medo, eu senti mais raiva. "Eu entro nesse barraco de qualquer jeito", pensei. Quando eu entrei, parecia coisa de cinema: "A senhora vai para onde?" (*simula que segura armas com as mãos*). Fiquei parada até que um deles disse: "Ei, é Tia Nereide. Tu é doido, abaixa isso aí". Então, teve prisão, teve mídia, teve tudo. Depois desse dia eu tive medo, pois não posso enfrentar as coisas desse jeito, tem de ter limite. Aprendi a ter limite, porque eu era muito arrochada... Ninguém pode ser arro-

chado, porque é melhor covarde vivo do que valente morto, *né*? Nem na morte do meu marido eu tive tanto medo e quem foi atrás do assassino fui eu... É tanta história que eu vou fazer um livro (*risos*).

João Gabriel – Eu acho muito bonito quando você fala da educação que repreende versus a educação que acolhe. Pelo que você falou desde o semestre passado, no primeiro trabalho, a gente percebe que você sente muito que o jovem gosta de acolhimento. Você percebe se na comunidade esse acolhimento é bem recebido e se o jovem está aberto para a essa abertura... (*João Gabriel, Mylena Gadelha e Tais Barros já tinham desenvolvido um trabalho jornalístico com Nereide na disciplina de Telejornalismo II*).

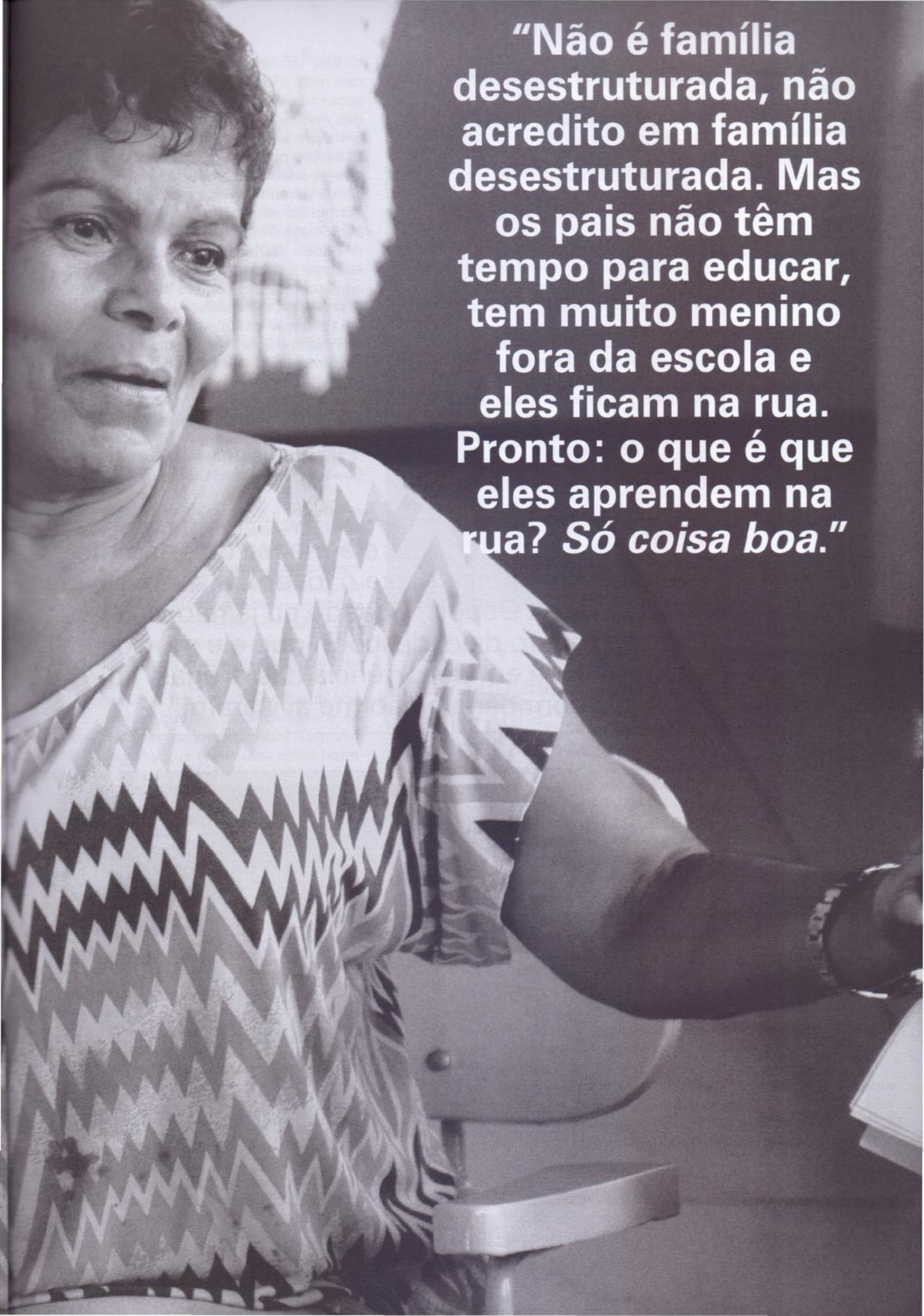
Nereide – Conversar, *né*? Dizer o que sente. Eu me sinto bem assim. Ontem eu cheguei à escola e um menino disse: "Olha a aula da tia Nereide, vai ser bom". Eles também têm um acolhimento deles comigo. Eu também pedi para eles fazerem uma carta. Tem um garoto, o Andrei, e ele é *todo assim*: "Eu lá vou fazer negócio de carta, já basta aquelas que mandavam para a prisão". Então eu digo: "Andrei, faça carta com aquelas palavras bonitas que você queria escrever para a sua mãe". Ele: "Ah, minha mãe só me chama de bandido". Tinha 35 alunos na sala e eu falei para eles escreverem qualquer coisa para quem eles gostariam de conversar, nem que fosse para chamar a outra pessoa de feia. Com 15 minutos, todos estavam concentrados escrevendo suas cartas, umas eu até guardei. Um escreveu para (*a presidente*) Dilma, outro pro Camilo (*Camilo Santana do PT, governador do Ceará eleito em 2014*), outro escreveu cobrando o dinheiro do Pro-Jovem, outros escreveram para mim. Uma

"Nossa violência, hoje, está vindo de fora para dentro. Os nossos meninos, nós conseguimos controlar. Como é que controla? Acreditando que esse menino pode fazer uma capoeira, que ele pode pintar, que ele pode andar de skate."

O professor Ronaldo, durante toda a entrevista, mostrou-se encantado com as histórias da dona Nereide. Em diversos momentos ele sentou ao lado dela e abriu sorrisos largos.

Uma das preocupações da equipe era como tratar na pauta a questão do filho da dona Nereide. O desejo era trabalhar a relação dela com o filho e não simplesmente abordar o crime que ele cometeu.





**“Não é família
desestruturada, não
acredito em família
desestruturada. Mas
os pais não têm
tempo para educar,
tem muito menino
fora da escola e
eles ficam na rua.
Pronto: o que é que
eles aprendem na
rua? *Só coisa boa.*”**

Como a entrevista ocorreu no andar de cima de uma oficina mecânica, lidar com o ruído foi uma das dificuldades da equipe de produção.

menina disse que depois da carta queria conversar comigo. Aí de professor, você passa para outras áreas, outras dimensões. (*Dando aula*) o tempo passa rápido e você diz: "Válha, já terminou. Cheguei nesse instante e já vou voltar".

Tem também *aquela* professora: "Mulher, vamos embora logo, pelo amor de Deus". Eu respondo: "Por isso que tua aula é vazia". Quando é aula dela os meninos vão indo embora e eu vou lá para o portão para eles não passarem. Assim, os meninos dão aquele crédito e você tem de ouvir, tem de ouvir! É uma extensão de algo que faltou, de alguém que não ouviu. Eu também localizo quando uma menina apanhou do marido e puxo conversa, temos um papo bom até ela ficar aliviada. Tem uma (*das quem eu converso*) que o marido está preso e o filho também, você já imaginou como é a cabeça de uma pessoa dessa para ir para a aula? Ela vai para a aula para ter alguém para ouvir. Eu estou adorando o ProJovem.

Eles (*alunos do Projovem*) também adoram nota, são iguais a nós. Eu falo que educação não se limita a nota. Nota foi só algo que inventaram, que eles têm é que descobrir e pesquisar. Quando perturbam, eu falo: "Vale um ponto", Eles: "Vish Maria". Então eu respondo: "Tem não" (*risos*). Esse negócio de ponto fica para a matemática, para o português; na minha aula não tem nota, tem participação.

Frida – Nereide, você trabalha com adolescente em situação de vulnerabilidade – adolescentes em conflito com a lei ou que já estiveram em conflito –, e hoje nós temos uma situação muito complicada. (*Este é*) um ano muito difícil. Teve muitas rebeliões, teve a maior fuga do Estado do Ceará e têm jovens morando em quadras poliesportivas, é uma situação muito complicada. Eu quero saber o que você acha, atualmente, do sistema de casas socioeducativas no Ceará.

Nereide – Está pior do que antes. Inclusive teve um vídeo feito pelos meninos em

"Teve um pedido que ele me fez que não me esqueço: "Nunca deixe o jovem, a senhora é muito boa". Depois, quando eu já não visitava mais o reduto dele, descobri que ele morreu de tuberculose em decorrência das drogas, fiquei com pena e não me avisaram."



Além dos barulhos da autopeças e da Avenida Leste-Oeste, o terraço da casa de Ludmila tinha vários mensageiros do vento. É possível escutá-los em diversos momentos da gravação.

que um deles disse o seguinte: "Antes nós tínhamos mais do que o que nós temos hoje. Tínhamos comida e mais profissionais nos acolhendo." Hoje, em pleno 2015, nós não temos nem equipes completas. Nós precisaríamos de equipes completas e interdisciplinares: olhando, ouvindo, acolhendo. Hoje o pessoal diz que, se você defende um menino desses, você é mais bandido do que ele, mas nós estamos olhando pelo social e as questões que fazem o jovem fazer isso. Muitos deles dizem que aquilo não é o que eles gostariam de fazer.

Tem um menino que é bastante amado, tinha até um apelido que nós tratávamos com ele e não consigo me lembrar agora. Ele dormia na praça do (*bairro*) Carlito Pamplona e, quando eu ia passando por lá, ele me dizia: "Tia Nereide, eu cheiro cola não é pela cola, mas para não sentir fome e ter de roubar. Quando eu cheiro cola demais eu durmo, e quando durmo eu não sinto fome". Isso é pesado demais! É assim, tem cola, tem menino no cheirinho-da-loló...

A rua está cheia de crianças e moradores de rua. Tem casa de acolhimento? Tem! Mas veja quem está lá dentro, quem é que está acolhendo e quem é que está acompanhando... Eu estive na Secretaria de Ação Social e perguntei: "Por que vocês não melhoram as equipes interdisciplinares, colocando profissionais que nós temos: psicólogos, pedagogos, médicos? É preciso a equipe completa".

*Me diga: qual é o trabalho realizado hoje com o menino que sai da sociedade e vai para as medidas socioeducativas? Tem visitas lá para ver o que é que eles estão fazendo, o que é que está acontecendo? Não tem, gente! Onde é que está o Conselho Tutelar? E olha que são meus colegas e eu brigo com eles. Eu não vou generalizar. Enfim... Falta espaço para profissionais, onde é que vocês que estão se formando agora vão ficar? Vocês estão me escutando agora também, mas será que alguém quer me escutar (*como profissional*)? Quem é que ocupa os cargos grandes? Na maioria das vezes são pessoas que não têm nem noção do que acontece ao redor delas, estão por apadrinhamento ou porque ajudaram na votação... Conhecimento que é bom... Mas vamos deixar claro: não pode generalizar! No meio de tanta gente tem de ter pessoas boas, né?*

Frida – Nereide, e dentro desse sistema que a senhora falou, você acha que ele cumpre o papel de ressocialização dos adolescentes?

Nereide – (*balança a cabeça*) Nenhum...

Erick – Para aproveitar a pergunta da Frida... A senhora acompanha essa questão há



Mylena teve dificuldades em transcrever partes da entrevista com Nereide. Isso porque o barulho da Avenida Leste Oeste, próxima de onde a conversa ocorreu, acabou atrapalhando em alguns momentos.

"Eu sentava e levava pintura, corda, brincadeiras. Eu gostava, pois era viver um pouco em família, coisa que os meninos não tinham em casa."

muitos anos, há décadas! Esse é realmente o pior momento da história dos centros socioeducativos?

Nereide – É! É o pior momento! A gente nunca teve tanta fuga e tanta depredação. Eu acho que está faltando humanização. Agora, se você me perguntar através de quem... (*pausa*) Não vou nem dizer que (*isso acontece*) por causa do agente que fica, pois ninguém faz nada sem ter ordens. Acontece o que acontece porque alguém está dando ordens, certo? Geralmente as coisas também só caem do lado do pequeno, veja quem foi preso dentro do sistema socioeducativo, os

O celular de Daniel tocou três vezes durante a entrevista e a gravação do aparelho foi interrompida. As três foram de serviços de marketing da Sky.

Em alguns momentos da entrevista, dona Nereide citou nomes de jovens que estavam em conflito com a lei. Por decisão da equipe de produção, esses nomes foram omitidos da versão final da entrevista.



Quando acabou a entrevista, Ludmila quis mostrar para a turma a biblioteca de mãe, Maria Augusta.

“Eu não posso deixar de ser esse elo, porque tenho também de ser aquela Nereide que ele conhece. Não reprimi com 12, por que vou reprimir agora quando ele tem 22? Não posso, de jeito nenhum, mas, se eu não tirei da rua, não fui eu, foi ele que não quis.”

agentes.

E as entidades? Vamos ter de qualificar esse pessoal melhor. Vamos ter de não colocar o que você manda pra lá porque é amigo. Vamos tentar colocar pessoas que realmente sabem o que está acontecendo. É preciso mudar, vamos ver se colocamos para os centros e deixar de colocar alguém por que é amigo. Vamos ver quem é que está nos centros, quem é que está lá, vamos

“Fiquei parada até que um deles disse: “*Ei, é Tia Nereide. Tu é doido, abaixa isso aí*”. Então, teve prisão, teve mídia, teve tudo. Depois desse dia eu tive medo, pois não posso enfrentar as coisas desse jeito, tem de ter limite.”

ver! Sim! É o pior momento! Nunca houve tanta fuga de adolescente quanto agora, eu desconheço momento igual, sinceramente, eu desconheço.

Frida – E quanto à ressocialização?

Nereide – Eu não vejo ressocialização. Eu mesma me pergunto: o jovem sai morto, o que é que ele aprende? Se você conhece alguma estatística, eu desconheço... Não se mostram estatísticas do que é realizado, pois se mostrarem dados errados, o povo cai em cima. Eu estou dizendo a vocês: desconheço qualquer estatística sobre quantas pessoas foram ressocializadas no sistema socioeducativo – pessoas que passaram por esse sistema cruel.

Brenda – Mas a senhora acredita na possibilidade de ressocialização?

Nereide – Acredito a partir de pessoas que tenham amor pela causa. Acredito a partir de que as pessoas que nomeiam outras pessoas para estarem à frente saibam escolher. É preciso não só ver um profissional que está se formando – como você –, é preciso ver novas ideias. Se não, vai mais morte, mais mortes e mais mortes; e vão ser mais gastos.

Rosiane – É uma questão de liderança...

Nereide – É saber colocar o profissional que vai lidar com isso. É humanização, gente! Humanizar é preciso dentro do sistema. Sabe o que é que os jovens mais pedem quando saem de lá: é uma casa, casar, ter filhos, trabalho... Ah, mas tem o Adolescente Cidadão, o Aprendiz (*programas governamentais de inclusão social*), *blá blá blá blá*... Pode ter certeza que de 50, ou melhor, 20 daqueles alunos que estão lá, que cinco vagas ou dez são de alunos que estão na pobreza; o resto é vaga do filho do fulano que a gente conhece pelas caras. Também, pode ter certeza que o pobre e o rico fomos nós que inventamos. Não foi o

Deus Todo Poderoso. Pela cara a gente também conhece quem é pobre e quem é rico e, quando eu chego a determinados cantos, eu digo: “Rapaz, esse projeto é para rico e eu queria um monte de meninos da Praça do Abel, da Areia Grossa, do Canal...” (*Nereide faz referência às comunidades pobres do Grande Pirambu*) Eu queria botar todos esse meninos dentro de projetos.

Daniel – Nereide, a senhora tem falado aqui que tem sido cada vez mais difícil e, na pré-entrevista, falou que pessoas ligadas ao poder público estão cada vez mais blindadas. Por que é que isso acontece e por que tem sido cada vez mais difícil conquistar alguma coisa?

Nereide – Eu volto de novo para a questão política, pois isso está ligado ao político. Ele vai favorecer uma Nereide da vida por quê? O governador (*Camilo Santana*) já nos recebeu e abriu uma porta, essa semana, se vocês abrirem meu *face*, estarei com a secretária da STDS (*Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social, órgão ligado ao Governo do Estado do Ceará*) em uma conferência sobre drogas. Mas nós viemos de cima! Recomendados para ela nos receber! Se eu tivesse ido simplesmente como Nereide, até hoje eu estava lá esperando para ser recebida.

Frida – Quais são os preconceitos e as chagas que tanto os adolescentes em conflito com a lei quanto os egressos do sistema penitenciário sofrem?

Nereide – Todos! Só em saber que alguém passou (*pela cadeia*), se essa pessoa pudesse, ela *dava uma carreira*. Meu menino fala muito bem sobre isso, ele diz que até o olhar das pessoas é diferente. Elas olham e ele pensa: “Passei e perdi... Perdi minha credibilidade”. Mesmo saindo, ele também nunca deixou o vício da droga. A droga é uma droga! Agora, ele está indo atrás da oportunidade do egresso e fala que a oportunidade que ele teve, ele mesmo fechou. Tenha certeza, ela não abre mais. Por isso que ele também fala que tem de pagar, pagar para poder voltar a ser o que era: um cidadão.

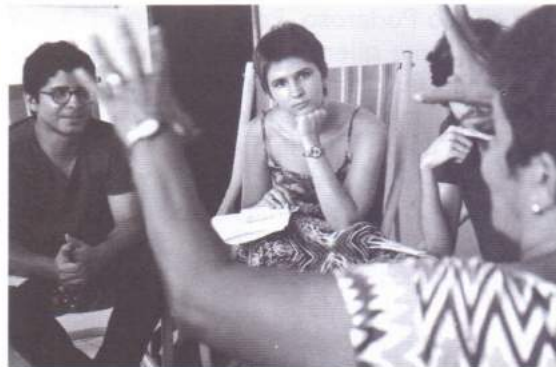
Erick – A senhora acabou de falar que a droga é uma droga. O nível de violência urbana que nós temos hoje em Fortaleza também é decorrência da guerra contra as drogas. O que a senhora pensa sobre essa questão? Realmente, a guerra contra as drogas é causadora desses problemas sociais e o quão longe o sistema está de vencer essa batalha?

Nereide – Você quer a verdade? A droga é, sim, uma coisa muito grande! Mas a polícia sabe como acabar. O sistema sabe como acabar. Não acaba, sabe por quê? Porque eles já perderam a moral e, quando eles

Durante a pré-entrevista, Nereide disse em vários momentos que só contaria certos momentos da vida dela durante a entrevista propriamente dita.

Antes da entrevista, a fotógrafa Chloé Leurquin acabou trazendo as lentes erradas, e teve de voltar para pegá-las em casa, o que deixou os produtores apreensivos com o horário de início da entrevista.

Os alunos não sabiam muito bem como chegar até a casa de Nereide nem se algum ônibus passava próximo ao local. Assim, ficou decidido que metade da turma iria de carona com o professor Ronaldo e outra metade, com a fotógrafa Chloé Lorquin.



“Hoje o pessoal diz que, se você defende um menino desses, você é mais bandido do que ele, mas nós estamos olhando pelo social e as questões que fazem o jovem fazer isso. Muitos deles dizem que aquilo não é o que eles gostariam de fazer.”

querem fazer alguma coisa acontecer, eles fazem. Os meninos também falam: “Eles não acabam, pois eles estão lá na boca de fumo. Eles vão lá buscar”. O militar está lá, como eu disse, quando eles veem uma boca de fumo que querem acabar, eles vão lá e acabam. Quando a mídia dá em cima, eles acabam. Essa é a minha maior raiva, a gente não pode brigar contra um sistema desses! O sistema pesado! Se você diz qualquer coisa, morre, pode ter certeza.

***Veja ao final da entrevista a posição oficial da Polícia Militar do Ceará (PMCE) sobre estas declarações da entrevistada.**

Eu estive numa *blitz* em Caucaia, isso já está com dois anos e me marcou muito. Lá estavam o Juizado (*de Menores*), o Cotan (*Comando Tático Motorizado do Batalhão de Choque da Polícia Militar*), O RAIQ (*Ronda de Ações Intensivas e Ostensivas da Polícia Militar*) e Polícia Federal, tudo! Só que, quem estava comandando essa *blitz* era eu, já que era para ser numa festa de adolescentes na praia. Ia ser numa casa na Praia de Iparana (*Entre Fortaleza e Caucaia*) denominada: Casa da Bagunça. Quando eu entrei nessa casa, o que tinha mais era bandido e eles eram do Presidente Kennedy, do Monte Castelo, do Pirambu, da Barra do Ceará... Lá fora estava um monte de policial com poder de fogo, mas o maior poder de fogo era meu já que era uma festa de adolescentes. Tinha vários chefes de boca lá, e os meninos que me conheciam chamaram e me disseram: “Nereide, ainda bem que é a senhora, dá para ir

com a gente lá em cima?” Eu pensava que iam me matar, *né?* Peguei quatro agentes e subi. Quando eu abri o quarto, advinha o que é que tinha... Só droga e arma!

“O que eu vou fazer?” Pensei. Então, a mediadora Nereide apareceu. Tinha gente lá embaixo doida para aparecer, pois sabiam que tinha vários chefes na festa, mas eu não deixei. Eu disse: “Por cima de mim, não! Antes de chegar, eu já estou morta”. Chamei os meninos que comandavam a festa e dei menos de 20 minutos para esvaziar o local. Foi ligeiro demais, todo mundo foi pra fora. Depois o major me chamou e disse: “E aí Nereide, como é que vai ser?” E respondi: “Estou aqui ajeitando, vou botar a meninada todinha pra fora”. Enfim, conseguimos fechar essa casa para sempre.

Por isso, não é fácil. Tudo que você vai fazer com jovem depende da maneira com a qual você chega até ele. Não chegue dando uma de danada, porque o *babado* é forte!

Mylena – Você falou que é a Nereide do Pirambu e da liderança. Como é que você enxerga esse papel desempenhado dentro do Pirambu e qual a importância desse papel?

Nereide – Às vezes, eu acho que a importância é só minha mesmo. Só tenho importância se eu me dou. Sério, parece que, quando você não atende aos desejos e anseios do outro, ele esquece de você. Eu tenho esse sentimento de vez em quando. Ainda assim, é boa a luta, eu gosto. A Nereide do Pirambu, quando ela chega aos cantos, as pessoas falam: “*Tá* vendo menina, a Nereide *tá* há mui-

Um dos maiores temores da equipe era não encontrar a loja Auri Peças, onde seria realizada a entrevista. No entanto, todos conseguiram chegar a tempo no local, inclusive antes de Nereide.



Ao chegar ao local da entrevista, Daniel e Mylena tiveram de procurar a residência de Nereide, que fica em uma rua paralela à Avenida Leste-Oeste, onde está localizada a loja Auri Peças.

“Eu não vejo ressocialização. Eu mesma me pergunto: o jovem sai morto, o que é que ele aprende? Se você conhece alguma estatística, eu desconheço... Não se mostram estatísticas do que é realizado, pois, se mostrarem dados errados, o povo cai em cima.”

tos anos nessa luta. Ela é quentura, guerreira, faz acontecer!” As pessoas confiam, né? Eu me junto também a outras lideranças importantes. Tem a dona Dalva, a dona Fátima, o Ronaldo Pinto, o Airton Barreto, Carlinhos Santana... Gente, esse Pirambu é um celeiro de pessoas maravilhosas e de luta! Eu adoro esse povo!

Rosiane – A senhora foi por duas vezes candidata a vereadora...

Nereide – *(Interrompendo)* Fui...

Rosiane – Isso. Foram duas vezes: em 2004 e 2008. Por que a senhora decidiu adentrar na vida política pública?

Nereide – Olha foi bacana, viu? Lá na Câmara tem uma plenária enorme e eu queria estar lá gesticulando, pedindo... Na primeira vez foi o maior barato, fiz campanha feita uma doida. Andava para todo o canto de carroça, arranjaram até um jumento para mim *(risos)*. Já na segunda, eu percebi que as pessoas têm medo de perder aquela pessoa que fala por elas, pois já tivemos outras pessoas da comunidade que foram para o sistema e não fizeram nada, se contaminaram. As pessoas agora falam: “Vai mais não, Nereide. Você nunca mudou e vai mudar agora”. Eu respondo: “Deixa de ser besta, menino. Eu vou roubar pra nós”. *(risos)* Brincadeira, gente! Olhe só, em 2020 eu vou sair de novo e vou ser a vereadora mais votada de Fortaleza, estou trabalhando para isso.

Tais – Por que você acha que a pessoa se corrompe quando chega lá?

Nereide – Dinheiro! Não fui corrompida

porque eu não ganho dinheiro ainda, só um pouco. Mesmo assim, morro de medo. Muito dinheiro estraga a vida da gente. Bom mesmo é andar descalço pela rua, comprar uma roupa na Praça do Ferreira. Se uma pessoa sabe que você tem dinheiro ela começa a ser falsa e, no primeiro problema que você tiver, todas essas pessoas corrompidas saem de perto. Já estive na Câmara, na Assembleia e até em Brasília: em todo o canto é a mesma coisa!

Átala – Durante a sua conversa com o Daniel e com a Mylena *(quando dos preparativos para a entrevista)*, a senhora revelou que teve paralisia infantil...

Nereide – *(interrompendo)* Ah, tive! Eu não andava, não.

Átala – Então, como é que foi esse momento da vida? Eu imagino que deve ter sido difícil. Mas como é que foi depender de outras pessoas? A senhora era dependente ou sabia se virar?

Nereide – Eu me lembro do que me contam porque da minha infância eu não gosto de me lembrar de muita coisa não... Parece que houve um bloqueio. Mas o meu pai – que Deus o tenha, tá com três meses que *(se foi)* – dizia assim: “A ‘tô véia’... Ave Maria!” Eu me lembro bem de que, como eu tinha paralisia infantil, eu vivia dentro daquele carinho de madeira com a rodinha, professor! *(se referindo ao professor Ronaldo Salgado, que acompanhava a entrevista)* Aí, o pessoal socava a gente dentro e eu me lambuzava de merda. Eu nem gosto de falar, é horrível! Viu? E teve um vizinho que me apelidou de tô

No carro, já na volta para a universidade, os alunos comentaram diversas vezes sobre como a entrevista com Nereide tinha sido produtiva.

Com o professor Ronaldo ao volante, as alunas comentaram sobre os amores de Nereide e logo começaram a falar sobre termos de relacionamentos.

véia porque eu era muito feia. Ninguém conseguia olhar pra mim de tão feinha que eu era, pra *tu ter* uma ideia, né?

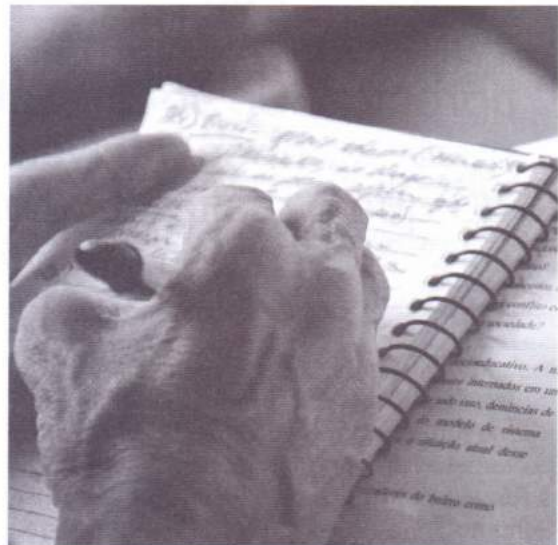
E eu não falava, né? Era uma coisa assim: andei com dez e falei com nove. Tanto era que eu disse uma proeza pros meninos (Mylena e Daniel, da equipe de produção). Não me lembro muito da minha infância. Tinha muito morro aqui no Pirambu e meu pai me botava nos ombros... Eu lembrei que ele me botava para me levar em uma farmácia, pois eu só vivia doente... Eu tive todas as doenças de criança: catapora, sarampo... Tanto é que eu tive uma piorreia (*eliminação de pus*) e perdi todos os dentes, estou perdendo o resto agora, pelas doenças que eu tive de criança.

Hoje eu me tornei essa mulher maravilhosa que eu sou! Mas estudei atrasada, muito atrasada na escola. *Me* tornei professora pelos desígnios de Deus. Era também muito namoradeira! Que com 12 anos e oito meses eu já tinha... Eu vou falar! (*risos*) Eu já tinha tido a minha primeira relação sexual, com 12 anos e oito meses. Olha como eu era sapeca? Tudo meu foi demorado e eu conheci o príncipe da minha vida, Vicente, que Deus o tenha, foi o que morreu com 23 anos de idade. Fui mulher antes de me tornar moça. Porque, quando me tornei moça, foi com 14 anos e oito meses, e com um mês faltando pra completar 15 anos eu engravidei. Eu não tive infância. Eu dei muito trabalho a pai e mãe, né?

Quando me aflorei, me tornei uma menina muito bonita de corpo! Eu passava nesse Pirambu e os meninos ficavam tudo doido. E o Vicente me fisionou. Um rapaz de família, da família Sobreira, uma família de árvore (*genealógica*). Eu me tornei aquela Nereide *black power*, do cabelo, muito graciosa, e ele se apaixonou. E a gente fugiu... Deu um *rolê* no papai e na mamãe, e fui pra praia do Jacarecanga. E tinha aquelas bichas de botar nos esgotos, aqueles anéis bem grandões (*mani-*

“Só em saber que alguém passou (*pela cadeia*), se essa pessoa pudesse, ela *dava uma carreira*. Meu menino fala muito bem sobre isso, ele diz que até o olhar das pessoas é diferente.”

A frase mais falada por Nereide ao longo da entrevista foi “parecia coisa de cinema”.



“O que eu vou fazer?” Pensei. Então, a mediadora Nereide apareceu. Tinha gente lá embaixo doida para aparecer, pois sabiam que tinha vários chefes na festa, mas eu não deixei. Eu disse: “Por cima de mim, não! Antes de chegar, eu já estou morta.”

lhas)... Nós, muito meninos, eu com 12 anos e oito meses e ele com 13. Ele não me iludiu não! Ele me levou pra um negócio daquele e foi bacana que só! (risos)

Da infância mesmo, é uma infância de muita doença, de muito sacrifício... A mãe fez uma promessa, que ela me contou, de fazer as perninhas (*Nereide se refere a ex-votos. São presentes dados pelo fiel ao santo de devoção em consagração, renovação ou agradecimento de uma promessa. As figuras são esculpidas em madeira ou gesso e modeladas em argila ou moldadas em cera, muitas vezes representando partes do corpo que estavam adoecidas e foram curadas*) e levar lá pra Canindé (*município cearense localizado a 115km de Fortaleza*). Graças a Deus que São Francisco ouviu e eu andei, né? E, depois, a questão da fala, que ainda hoje eu tenho uma língua totalmente pregada, já tá desse jeito que despregar vai ser pior. E fui estudar obrigada.

Eu era uma menina *véia* namorando o Vicente, um menino belíssimo, o mais lindo do Pirambu, e as mulheres tudo em cima querendo ele, menina que coisa horrível! A gente fugia pra namorar. Era bacana demais! E acabei me atrasando na escola. Me atrasei no fundamental, fui pro (*ensino*) médio dando muito trabalho ao professor. Consegui terminar o ensino médio, mas já com filhos. Trabalhando também viu, gente? Com 13 anos eu já trabalhava de carroceira em um depósito aqui da comunidade. Tudo eu fazia pra ganhar dinheiro! Foi tão bom eu trabalhar, porque, quando eu engravidei, o pouquinho que eu tinha guardava de moeda... A mãe do Vicente, quando eu engravidei, por ele ser de família – eu vou dizer porque o irmão dele

dizia que eles tinham o sangue azul e eu era negra –, sofri muito bullying e preconceito com a família, e mandaram o Vicente pro Rio (*de Janeiro*) quando eu fiquei grávida. E o Vicente ao viajar... Eu tinha uma amiga minha, a Joana D’Arc, muito maravilhosa, que disse: “Ei, *nêga*. Vamos seguir? Vamos seguir o ônibus?” Não era nem de avião! E conseguimos ir para a Rodoviária João Thomé. Nessa rodoviária, não me esqueço nunca dessa cena. Lindo!

Ele dentro do ônibus, a família de um lado, empatando de eu chegar até ele, e eu do outro lado com uma turma pra entrar, coisa de cinema! E eu consegui porque o motorista foi no ônibus, parou e mandou eu correr, que era pra me despedir do Vicente. Tinha uma menina que cantou essa música, que eu vou cantar só um pedacinho, mas vou parar porque senão eu choro: “Quando eu partir\ não olhe para trás para acenar\ para não me ver\ morrendo de amor” (*canção Quando Eu Partir, famosa na voz da cantora brasileira Adriana, originalmente em inglês composta em inglês sob o nome de When You’re Gone*). Lindo! Coisa de Romeu e Julieta. Daí, quando o ônibus saiu, fomos de carona atrás desse menino maravilhoso que eu amava e amo até hoje. Fui de carona até o Triângulo de Limoeiro do Norte (*município cearense localizado a 200km de Fortaleza, na região do Jaguaribe*). (risos) Eu era louca! Aí foi que, não sei das quantas, parece que a mãe dele passou mal, a gente resolveu não ir mais. Porque era uma viagem muito cansativa e eu estava grávida, né? E nós subindo em caminhão! E na história até Triângulo, tudo de bom, por isso que eu vou escrever um livro, pra todo mundo se comover com minha his-

“Dinheiro! Não fui corrompida porque eu não ganho dinheiro ainda, só um pouco. Mesmo assim, morro de medo. Muito dinheiro estraga a vida da gente”.

Na primeira vez como candidata a vereadora, Nereide teve um total de 1.424 votos. Na segunda, 1.146.

A primeira candidatura foi lançada pelo Partido da República (PR). A segunda foi pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN).

Na entrevista, Átala questionou Nereide sobre os momentos em que ela ficava triste. Sem encontrar a resposta de primeira, ela acabou contando um dos momentos quase ao final da conversa.

tória! (*risos*) Eu tive de voltar. Tive de cuidar de um filho, com um pai alcoólatra. Meu pai (*foi*) alcoólatra até o dia da morte. Uma mãe maravilhosa, que morreu com 62 anos, muito nova. Porque consumia muita coisa dos filhos e nós somos dez irmãos. E eu fui pra dentro da casa do meu pai. Você imagina o que é uma adolescente dentro da casa de um pai, que me acolheu...

João Gabriel – (*interrompendo*) Como foi a aceitação da sua família?

Nereide – Levando cacete! Levando pau! Porque uma menina grávida 33 anos atrás, papaizinho e mamãezinha não queriam não. Minha mãe me chamou pra dentro de casa, mas meu pai, na hora que soube que eu estava grávida, botou eu no olho da rua. “Vai pra rua!” Aí essa minha amiga que me levou pra seguir me acolheu na casa dela. Joana D’Arc, pra mim, e a mãe dela foram pessoas que me acolheram até quase a minha gravidez toda. Um dia eu danada, com a barrigona, fui em casa e disse: “Eu vou voltar é pra casa, que direito que os outros têm eu também tenho!” Aí meu pai aceitou. Coisa boa é família, gente! Ela pode ter o que tiver dentro dela, mas família é importante demais. Mesmo com

cara feia eu tinha de aguentar, eu não tinha errado? Quem foi que mandou engravidar com aquela idade? Não é idade de ninguém engravidar, não!

Tanto é que hoje a minha história serve de exemplo pra eu passar para as jovens, que elas procurem se profissionalizar, estudar, porque eu sofri! Mas eu tive ajuda de um médico que disse que não iria faltar comida para o meu filho. Gente, faltar comida pra ti é uma coisa, mas faltar comida para uma pessoa que você vai botar no mundo dá uma dor na gente terrível, viu? Eu fazia qualquer *bico*! Eu fui empregada doméstica porque durante a minha gravidez eu tive de ir pra Belém... Para a casa de uma pessoa, e teve esse cara da Marinha que, porque eu era bonita, esse cara foi na minha rede. Eu sofri! Eu tive de ir pra Cidade Velha, em Belém, sozinha... É muita história!

João Gabriel – (*interrompendo*) Nereide, desculpa interromper, mas só voltando um pouco, eu queria saber como era a relação da sua família com o Vicente, se ele foi acolhido...

Nereide – Foi maravilhoso! Mas, também, era um príncipe, *né*? E tinha uma lábia da-



Após a entrevista, o professor Ronaldo acabou encontrando uma antiga conhecida na casa de Ludmilla: Maria Augusta. Dona Maria Augusta trabalhou durante vários anos com o pai do professor.

nada, ganhava todo mundo no queixo. Não tinha mais *queixudo* do que aquele. Era um príncipe e tinha tudo do melhor. E ele tinha assim: "Eu vou ficar com a Nereide". Mas uma coisa era ele querer ficar e outra era a família deixar. Ele foi colocado pra fora e eu tive de assumir sozinha. E nunca meu pai nem minha mãe me deram uma lata de leite Ninho. Doutor Casemiro que me deu! (*Refere-se ao médico que prometera não deixar faltar alimentos ao filho dela*) Porque na época tinha uma história de uns leites, que a gente recebia. Eram 30 latas de Pelargon, que era uma maravilha. Vinte latas de Neston e 20 de *Farinha Láctea*. Gente, naquele tempo o governo cuidava da gente, *né!* (*risos*) E era a alimentação da criança todinha, no nível do mais forte. Tanto é que o Beto hoje é lindíssimo... O Vicente voltou depois de dois anos, advinha quem foi que ele procurou?

Daniel – (*interrompendo*) Era isso que eu queria saber... (*risos*)

Nereide – Linda *né*, a história? E eu em casa, cuidando, trabalhando e dormindo na porta. Porque dentro de casa eu sofri tudo que você pode imaginar... Porque eu tinha duas irmãs que eram uma bênção. Todas duas já morreram, mas os sentimentos dos melhores pras duas. Duas irmãs maravilhosas, uma morreu de AIDS e a outra de um derrame. Eu estava na porta, dormia na cozinha. É ruim, viu? E a comida? Que a mãe guardava e eles faziam qualquer coisa pra tu *comer* menos, *né?* Mas hoje graças a Deus eu sou a ponte de todo mundo, graças a Deus. Aí o Vicente chegou do Rio, e eu nem sabia que ele tinha chegado e eu aqui mais o Beto



Durante o encontro, Dona Maria Augusta revelou para a turma que o pai do professor sentia muito orgulho do filho e, quando Ronaldo passou para a universidade, foi feita uma grande festa.



“Não me lembro muito da minha infância. Tinha muito morro aqui no Pirambu e meu pai me botava nos ombros (...) Hoje eu me tornei essa mulher maravilhosa que eu sou! Mas estudei atrasada, muito atrasada na escola. *Me* tornei professora pelos desígnios de Deus.”

A todo momento, durante a entrevista, Nereide falou com bastante orgulho e carinho dos filhos.

Ao fim da conversa, Nereide sorria bastante e ficou muito encantada com o encontro entre Ronaldo e dona Maria Augusta.

– e o Beto, menino travesso, mamou até os quatro anos... Vicente passou dois anos no Rio e quando chegou o Beto já estava grandinho, mas ainda mamava. E eu dando de mamar, quando vejo é aquela pessoa: “*Nêga?*” Eu: “*Nêga?* Eu estou sonhando”. Porque só quem me chamava de *nêga* era ele. “*Nêga*, abre, sou eu!” Não sei quem foi que disse pra ele que eu estava dormindo na porta, *né?* Cara, quando eu abri, tu não *tem* noção não. Foi tudo esquecido, sabe? Foi amor voltando de novo com força total. Aí fizemos outra menininha (*risos*). Foi tão bom! O Vicente ficou comigo até a morte dele.

Eu tive uma menina, e foi na época que teve muito aquela doença que hoje já pode conviver com todo mundo, que ficava cheio de pataca, você sabe qual é, professor? A médica vinha pegar a gente em casa nessa época, a gente não podia contaminar. A ambulância vinha do posto pra me pegar porque eu não podia ter contato com outras grávidas e ela (*a médica*) disse que se eu fosse à gravidez faltando até uma semana pra eu ter essa menina, eu correria o risco da criança nascer e eu não sobreviver, porque a doença era grave demais.

Ronaldo – (*interrompendo*) Rubéola...

Nereide – Rubéola! A Rubéola veio muito forte comigo, eu fui até motivo de estudo pros professores do hospital universitário. E a minha criança linda, branca dos olhos azuis, era uma menina. Ela ainda passou quatro anos de vida e Deus a levou. Eu digo que Deus foi tão bom comigo! Ela nasceu com problema no cérebro. Mas aí depois veio a Cristiane, linda e maravilhosa, belíssima!

Eu fui aceita pela família do Vicente depois que eu tive uma filha loira dos olhos azuis. A minha filha não tinha uma fralda, mas na hora que a avó, que Deus a tenha, soube que era uma menina branca dos olhos azuis, chegou tudo na minha casa. E eu achei foi ótimo! Porque inclusive ela foi reconhecida como filha e o meu primeiro filho não foi porque é preto, é moreno! Eu sofri tudo nes-

“Nós, muito meninos, eu com 12 anos e oito meses e ele com 13. Ele não me iludiu não! Ele me levou pra um negócio daquele e foi bacana que só!”

Todos cumprimentaram e agradeceram Nereide após o final da conversa. No período de produção, Nereide prometeu fazer um lanche com os alunos após o final da entrevista, mas acabou não ocorrendo.

te mundo... O Beto hoje diz assim: “Eu vou lá me registrar.” Porque hoje os pais do Vicente morreram e tem uma herança boa, *né?* Eles (*familiares do Vicente*) estão brigando entre si, eu não. E nem vou lá! O que é da gente vem pra gente. E eu peço que meus filhos também não briguem, os dois. Um tio até disse: “Você vai ter de fazer um DNA”. E eu digo: “Vai não!” Já *tá* com 30 e tantos anos, perto de 40, ele: “Não mãe, vou não, deixa a Cristiane”. O que der e o que vier, *né?* Mas é uma família cheia de preconceitos... Mas eu ainda tive quatro filhinhos dele, viu? O amor era grande. É grande!

Frida – Você disse que, quando grávida do primeiro filho, o Beto, foi pra Belém, *né?* O que foi fazer lá em Belém?

Nereide – Ah, boa pergunta! Um aborto! Uma colega minha disse que Belém era o lugar que fazia aborto mais barato e com médicos que eram top de linha. Mulher, eu me mandei pra Belém de menor, viu? Eu tinha porte de mulher. Não era mulher, mas tinha porte de mulher já de certa experiência. Fui pra Belém, pra casa de um irmão de uma amiga minha que morava aqui no Moura Brasil (*uma das divisões do Grande Pirambu*) e fui pra lá com o rapaz pra ser empregada doméstica na casa dele, mas foi intenção de ir pra esse médico. E de uma forma eu fui para o médico, mas passei perrengue na casa desse militar porque ele se apaixonou por mim e no quartinho de empregada, parece coisa de cinema, o rapaz ia lá. Tanto é que depois ele levou um *telecatch* meu e eu saí pra morar numa república de universitários, eu fui levada pra lá por uma senhora que teve pena da situação que eu estava passando lá em Cidade Velha, em Belém, por causa do assédio do rapaz. E eu cheguei até esse médico já com o dinheirinho, *viu?* Achei tão bacana ele, ouvindo minha história. Ele disse: “Uma menina, da sua idade, que vem sozinha pra um lugar desses, uma menina dessas tem coragem de fazer o mundo girar. Você vai voltar porque eu não vou fazer aborto em você coisa nenhuma.” Eu voltei, ele me encorajou a voltar e a enfrentar, *né?* Pronto, *taí* o Beto com quase 40 anos, belíssimo, lindo, maravilhoso, filho digno! Também serve como exemplo, aborto de jeito nenhum porque, quando você engravida, é porque você foi escolhida, não é pelo momento bom, não, é porque Deus a escolheu pra ser mãe, então vai e enfrenta!

Daniel – Bem, Nereide. Como é que foi depois do reencontro com o Vicente? Você falou que a segunda filha foi aceita pela família. Eu queria saber como era esse momento de família já com o Vicente aqui em Fortaleza, quando ele voltou. Se vocês moraram juntos...



Emocionada, Frida chegou a chorar com o encontro entre Ronaldo e dona Maria Augusta. O momento foi também registrado por Chloé Lourquin.

“Vicente passou dois anos no Rio e quando chegou o Beto já estava grandinho, mas ainda mamava. E eu dando de mamar, quando vejo é aquela pessoa: “*Nêga?*” Eu: “*Nêga? Eu estou sonhando?*”

Nereide – (*interrompendo*) Menino... Tu já pensou com uma filha branca do olho azul? Numa família dessas? Eu tive foi tudo, inclusive até empregada, fazia nada, só ia trabalhar. Vicente (*era*) muito ciumento e eu sempre trabalhei. Ia me buscar e me deixar onde eu tivesse trabalhando. Porque o hospital infantil da Francisco Sá, na pessoa do doutor Luiz de França, me acolheu com 16 anos e lá eu passei 32 anos trabalhando.

Então, o doutor Luiz é o segundo pai para mim porque abriu porta pra tudo. Eu comecei com serviços gerais, dentro do hospital, e num belo dia depois de quase dois anos dentro do hospital... Doutor Luiz era aquela pessoa que passava (*a imagem*) daquele patrão. E eu cantava muito dentro do hospital porque eu era muito alegre. Sou muito feliz. E colocava umas mensagens de otimismo dentro do hospital porque achava que o pessoal, pra ser dentro do hospital, tem de ser mais amoroso. Tem dia que tinha de ter mais amor e o povo era tudo cara fechada... Um dia ele passou e eu estava limpando o chão e ele: “Bom dia, menina. Você sabe quem é

que anda pregando essas coisas dentro do meu hospital? E eu disse: “Pronto, demitida” Eu olhei assim pra ele: “Sou eu” “Vá lá na minha sala agora”. Desde esse dia a minha vida profissional mudou completamente. Passei a ser a número um do Luiz de França.

Eu acho que fui eu a que mais chorou quando ele morreu, porque ele abriu (*portas*), ele pagou faculdade pra mim, ele investiu em mim. Eu trabalhando e ele investindo para o meu crescimento profissional. O meu próprio pai disse: “Você é o que é porque o Luiz de França acreditou em você”. E é muito bom quando a gente encontra alguém que acredita na gente. Ele acreditou e eu me tornei... E ainda vou mais longe! Eu ainda vou crescer mais ainda. Porque eu não estou parando por aqui não!

Mylena – Você falou da questão de que você teve muita dificuldade, tanto na infância como depois. Mas você também falou na pré-entrevista que isso nunca a levou para o caminho da droga ou da prostituição. Por quê? Tem algum motivo?

Nereide – Tem! A minha irmã mais velha

Uma das preocupações ao editar a entrevista foi com a coloquialidade com a qual Nereide fala da vida dela. Em diversos momentos, ela explica o que aconteceu através de conversas que teve com outras pessoas. Assim, é possível ver que as respostas sempre estão cheias de aspas.

Durante a entrevista, a equipe descobriu que Nereide conhecia um antigo entrevistado da revista, o advogado Airton Barreto, outra figura do Pirambu.



dizia que eu iria ser prostituta. "Tu só vai dar pra ser prostituta! Tu vai fazer programa" Eu botei aquilo e disse: "Não, não é assim não! Eu vou pra frente." De certa maneira, depois de um tempo, pra eu sofrer menos, eu disse: "Não, acho que ela queria era me encorajar." O papai teve uma vida profissional muito boa financeiramente e a gente teve de ver – nós éramos umas das famílias mais bem quistas do Pirambu em nível financeiro – e a gente teve de ver oficial de justiça levando o que foi construído, de a gente ficar com um pote pra tomar água, comer só uma vez no dia para não passar fome. E a minha mãe era parada! Ela fazia um caldo de feijão e colocava o macarrão e dava de comer a todos nós. Então, nós conhecemos o que era ter dinheiro e o que era passar fome, né? Isso faz com que a gente cresça. A minha irmã, sim! Ela teve de se prostituir pra gente não passar fome. A Maria Eneide foi a primeira mulher a dançar pelada no carnaval do Ceará. Maria Eneide Lima Leite. Ela foi inclusive presa na época – vocês não eram nem nas-

Ronaldo contou em sala de aula que encontrou Nereide dias depois da realização da entrevista.

cidos. Eu tenho muita admiração por ela porque ela teve de vender "as carnes" dela pra gente sobreviver, pra dar vida aos irmãos e à família. Então, é parada! Ela é fantástica...

Tais – Na época seus pais sabiam como a Maria Eneide trabalhava?

Nereide – Lá em casa a gente sempre usa da naturalidade pras coisas, ninguém esconde nada. Quando eu descobri que tinha uma irmã com AIDS, se fosse outra pessoa morria. A gente juntou as forças e fomos ajudá-la. Ela ao morrer ainda deixou uma filha formada, que trabalha no jornal O Povo (*jornal diário cearense, fundado em 1928*). Então, papai, apesar de tudo que ele fez, conseguiu deixar uns filhos bacanas... A gente um ajuda o outro. Não tem mágoa, não tem. Eu admiro muito. Eu sempre digo: "Ah, *nêga* de raça!" Porque pra aguentar nove irmãos, meu amigo. É parada!

Rosiane – Nereide, você estava falando da questão da sua irmã que falou que você seria prostituta e isso lhe ajudou a seguir em frente. De certa forma é essa dificuldade que motiva a lutar pelo que você acredita...

Nereide – (*interrompendo*) Que me motiva a continuar e a motivar quem acha que tem dificuldade pra não crescer, pra não fazer as coisas acontecerem. Poxa, você tem um sonho, aí vem alguém e diz assim: "Ah! Tá sonhando besteira, isso não vai dar em nada, não, isso não vai pra canto nenhum, não!" Como hoje mesmo, parece que a vida coloca pessoas na minha frente. A gente tem um amigo aqui que trabalha na lanchonete. Ele: "Oh, Nereide tão bom te ver, me ajuda a me inscrever na casa, uma colega minha disse que eu não posso não porque eu sou gay" (*refere-se ao programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal*). Eu digo: "Que nada! Os gays é que estão podendo, menino!" Tem de falar assim pra pessoa... Eu digo: "Vou te dizer porque tá podendo. Tu mora com a tua mãe, tua mãe não vai poder te sustentar muito tempo, tu pega tua documentação..." Ele disse: "Ai! Uma pessoa como tu! Toda vida que eu estou de baixo tu me bota para cima" E eu: "Você não tem de acreditar em mim, você tem de acreditar em você, na sua capacidade! E todos nós temos capacidade." "Não escuta essas pessoas! Faz de conta que escuta." Escuta por educação, mas não alimenta. Não alimente coisa ruim! Porque coisa ruim chama coisa ruim, né! Todo mundo tem um dia de baixo. Tem dia que a gente tá... E na parte amorosa então! Esses tratam de acabar com a gente mesmo. Se não tiver força e pé no chão, a gente se arrasa.

Átala – A senhora é uma pessoa bem alto astral, que gosta de colocar as pessoas lá pra

cima. E acabou de dizer que todo mundo tem um dia meio *assim*. E a senhora? Tem alguma coisa que a deixa triste?

Nereide – Ter tem, mas eu não cheguei a ainda descobrir não! Uma menina me perguntou isso: “Nereide qual o dia que tu *fica* triste?” E eu digo: se ela vem, eu a mando passar, não dá pra mim porque é cada situação... Quando eu ficar triste eu digo pra vocês.

Daniel – Eu quero saber um pouco mais da relação que a senhora teve com o doutor Luiz de França e de como foi cuidar da mãe com câncer.

Nereide – Uma relação muito boa porque ninguém entendia. O doutor Luiz era namorado e nunca me passou uma cantada! Todo mundo dizia assim: “Tem alguma coisa aí entre esses dois.” Porque era uma relação muito boa, mas uma relação de amor de um pai com uma filha, *tá* entendendo? Era uma coisa tão harmoniosa que, quando a minha mãe teve o câncer que ela tomava uma injeção, que na época custava era sete ou oito mil reais, ele que bancou tudo isso e colocou uma UTI dentro da casa da minha mãe com médicos e enfermeiros pra cuidar dela, pra ela não estar no hospital em uma fase terminal. Então, uma relação muito boa, de amor paterno. De uma pessoa que ele acreditava ser, como ele acreditou, de se potencializar pelo outro. Porque, se você ajuda, porque você não pode ser ajudado, certo? Então, era uma coisa muito linda. Doutor Luiz pra mim é muita coisa. Muito, muito, muito, muito!

Inclusive, dois sonhos que eu tive, *né*? Que tem aquele problema da minha vidência, que ele mandou um recado para o filho dele e ele (*filho*) não ouviu, ele perdeu o hospital e ele mandou o aviso para o filho dele, é incrível, *tá*? E eu, quando eu recebi o aviso que ele me visitou sentado na minha cama, eu não sabia como chegar até o filho dele, porque o filho dele era de uma religião diferente, (*pensei que ele*) não ia receber. Mas ele recebeu muito bem. Ele ouviu, mas não escutou, certo?

Mylena – Você falou agora da questão das vidências e na pré-entrevista a gente falou muito da questão da religiosidade. Você falou que era muito forte e já tinha passado pela macumba... Por que tanta mudança? Por que você foi passando por todos esses caminhos? Porque você falou muito da questão do espiritismo, o que a faz dizer que é espírito hoje?

Frida – Só pra emendar na tua pergunta, Mylena. Eu queria que você explicasse pra gente melhor como foi esse percurso dentro das religiões, onde foi que começou essa procura, busca pela religiosidade.

Nereide – Eu tive uma dor de cabeça muito forte. Uma amiga minha, Estela, que mora no (*Conjunto*) José Walter, lá no Planalto Ayrton Senna, tem uma mãe... Ela tinha porque a mãe dela, que morreu, era considerada a única feiticeira do Estado do Ceará, ainda dentro da quibanda. Ela disse: “*Nêga*, eu tenho que te levar na minha mãe.” Por causa dessa dor de cabeça que eu sentia muito. Eu: “*Vixe*, tu vai me *levar* pra macumba?” “Não, vou te levar pra minha mãe falar contigo”.

Isso aconteceu muito nova. Ela me levou aqui na Expedicionários (*Avenida em Fortaleza*), onde a mãe dela morava. Quando eu cheguei a mãe dela caiu, gente! Uma mulher que se dizia bruxa. Eu me lembro bem das palavras dela: “Chegou a minha sucessora” E eu: “Sai pra lá! Eu quero ir embora”. E ela: “Não, você vai ficar!”. Ela disse que eu tinha vidência, que eu era uma vidente nata, mas antes eu teria de passar por alguns segmentos, ou seja, a macumba propriamente dita, a quibanda, que é a magia negra... Eu: “Valha, eu vou pra tudo isso? Minha mãe vai me matar...”

Eu era muito curiosa e essa curiosidade me fez estar dentro dessas coisas. E eu nunca recebi, nem é de receber, mas aí comecei a estudar com ela a questão da sucessão e de me tornar uma bruxa. Mas a feitiçaria me interessou tanto que eu me engajei muito. Tinha hora que eu saía do trabalho e já ia direto pra lá. Era como uma lavagem cerebral, mas só que eram ensinamentos. Mas nesse percurso, de eu estar nisso, de eu possuir o Livro da Capa Preta, porque eu já estava bem a florada na questão dessa magia, todas as coisas vieram para mim de Manaus, coisas pesadas (*Livro da Capa Preta ou Livro de*

“Eu fui aceita pela família do Vicente depois que eu tive uma filha loira dos olhos azuis. A minha filha não tinha uma fralda, mas, na hora que a avó, que Deus a tenha, soube que era uma menina branca dos olhos azuis, chegou tudo na minha casa.”

Durante o período de produção da pauta, a equipe responsável ficou surpresa com a quantidade de informações sobre dona Nereide na internet. A maioria delas são referentes às candidaturas da entrevistada ao gargo de vereadora.

Logo após a fase de pós-produção da entrevista com Nereide, Mylena, da equipe de produção, encontrou-a no Paço Municipal, enquanto fazia matéria para o jornal onde trabalha.

A resposta de Nereide à pergunta feita por Frida sobre a viagem dela para o Pará causou surpresa em todos os participantes, até mesmo para os produtores.

São Cipriano é um compendio que contém diversos rituais de ocultismo e exorcismo, mais especificamente magias branca e negra, com múltiplas finalidades. Embora o livro se coloque como escrito por São Cipriano, o livro real apareceu séculos após sua morte e não poderia ter sido escrito por ele. A primeira edição conhecida saiu em 1849, sendo, portanto, um livro pseudepigráfico). O meu filho ainda hoje não aceita. Eu fui namorar com um rapaz, olha como são as coisas, chamado Renato, que era bombeiro. E o Renato era de uma família muito religiosa, que Ave Maria, que pra eu estar com o Renato eu tive de me desfazer das coisas que essa senhora tinha passado para mim, os livros, as imagens que eu cultuava, porque, pra você fazer magia negra, você tem de cultuar. Mas pra eu ter o Renato, e eu sempre fui a favor do amor, e o Renato: "Ou é eu, ou é essas suas coisas aí que eu não gosto". Eu tinha inclusive a Oração da Capa Preta, que eu pegava se tivesse todo mundo aqui, eu pegava e cegava todo mundo e ninguém não via, entendeu? E eu tinha essa oração muito pesada.

Mas muitas coisas aconteciam, e, pra eu sair como o Renato pedia, eu tinha de pedir licença e eu tinha de sofrer sete anos de perdas. Perdas que são as piores possíveis, que são as financeiras, mas o amor falava mais alto. Aí eu pedi licença. E ela (*a feiticeira*): "Você tem certeza que quer deixar?" Ela me deu uma capa preta, igual à do livro da capa, e eu tinha de pegar uma encruzilhada, movimentada de moradores de rua, olha aí a crueldade! Pra eu deixar tudo que eu tinha lá, e ele teria de queimar o livro. Ele, por ser católico, era o sacrifício que ele tinha que fazer. Eu saí daqui, isso já tem algum tempo, e fui para aquele sinal onde está o Rio Mar (*shopping de Fortaleza*) e lá eu tive de deixar todas as coisas, queimar... Mas ele não conseguiu queimar o livro todo, a oração permaneceu. Aí teve a separação! Por quê? Porque o amor... Eu não entendi muito bem o que ela disse, tem uma fala dela que eu não me lembro, e depois disso a gente passou só mais uns dois anos e meio juntos. Porque ele não conseguiu queimar a oração. Depois, quando eu me envolvi de novo, eu disse: "Não, não é isso que eu quero."

Já há um tempo, muito recente, muito recente que eu digo de uns tantos anos pra trás, eu comecei a ver gente morta. E isso começou a complicar a minha vida porque eu começava a ver as coisas, mas eu tinha medo. Teve um dia que estávamos eu e a Leninha aqui do lado, quando eu estou aqui comendo, eu vejo a mãe de um amigo meu, tá? Aí diz a Leninha, que trabalhava lá em casa, que se arrepiou todinha. E eu falando

com a pessoa, ela dizendo que tinha vindo se despedir porque ela tinha me convidado pra ir lá e eu não tinha ido. Quando ela foi. Eu disse: "Leninha, a mãe do Rogério acabou de morrer." E ela: "Tu tá ficando é doída porque eu senti um frio aqui mesmo". Eu disse: "Pois ela estava aqui sentada com a gente" Não deu 20 minutos, o telefone tocou dizendo que ela tinha morrido. Disso, eu comecei a ver determinadas coisas e comecei a ter certo medo do que eu estava vendo. Me levaram para o Cláudio, que trabalha lá na Secretaria de Saúde, que é lá no Montese. Fui pro Cláudio. Quando ele me viu lá, foi eu e uma colega minha, aquelas mesas brancas. E ele: "O que você tá fazendo aqui?" Um homem que é bem conceituado no Estado, viu? Aí ele: "Vá pra mesa". De lá fizeram o trabalho e disseram que eu não precisava, que eu não eu não sou espírita kardecista, que eu sou vidente de origem mesmo. Falaram: "Ó, você vai passar a rezar nas pessoas e você vai ser uma pessoa que vai ter uma *filinha* de gente lhe procurando". E eu: "Quero não!" "Mas vai ter, e o que você ver, mesmo que a pessoa não queira ouvir, você tem de dizer".

Aí pronto! *Me deram* um passe lá, essas coisas, e eu não precisaria estar dentro do centro espírita. Eu rezo nas pessoas, dá resultado muito bom. Eu rezo numa senhora bem ali e hoje ela me chamou e: "Sua reza é muito boa". Mas eu digo: "Não espalhe não!" Porque eu ainda me acho muito nova pra ficar com aquela '*ruma*' de gente na porta. Mas eu vou, e eu vejo determinadas coisas... Se eu tiver aqui com você e ver algum recado, não se assuste. Mas também se eu for falar alguma coisa que você de que ouvir, porque eu não tenho intimidade com você, e se você começar a perguntar, fuge... Não me pergunte mais nada que não vem mais nada. Tem de deixar fluir. E tem dado resultado, pessoal tem gostado.

Daniel – Você estava falando que sofreu muito preconceito por ter procurado de uma forma diferente o Espiritismo. Como é que a senhora lida com esse tipo de preconceito religioso?

Nereide – Eu digo o que eu sou. Quem quiser me aceitar tem de me aceitar como eu sou. Se não aceitar, vai perder uma grande amiga, porque eu sou uma pessoa bacana. Eu sei que tem pessoa que às vezes nem fala, mas eu digo: "Mulher, tu não *sabe* que eu ando na macumba. Mas eu nem ando em macumba! Tu não *sabe* dessas minhas coisas? Porque eu mandei ela ter cuidado com o filho dela. "Tenha cuidado com seu filho que aí o que é segredo vai deixar de ser." E não vai deixar de ser só pra você não, mas pra quem *tá* pelo seu atrevimento. Eu falei,

Zacarias Melo de Lima e Maria Alves de Lima são os pais de dona Nereide. seu Zacarias morreu poucos meses antes da entrevista. Mesmo com altos e baixos na relação, Nereide demonstrou bastante respeito para com ele.

porque ela não prestou atenção no filho dela. Agora ela tá até esquisita, hoje eu até cumprimentei ela. “Ei, rapaz! Passa a raiva porque tu vai precisar de mim, e eu preciso de ti, um precisa do outro”. Ninguém pode ter raiva de vizinho, né! Mas tem que me aceitar como eu sou.

Taís – Em relação a sua aceitação pessoal. Você se aceita plenamente? Tem algum dom, alguma habilidade que você não gosta de ter?

Nereide – Eu gosto. Tudo que eu faço, eu faço com muita vontade

Frida – Você falou que tem um filho que passou pelo sistema carcerário. Eu queria saber como a senhora lidou com isso, com a prisão dele...

Nereide – Como eu disse pra vocês, tudo pra mim é normal. Foi mais algo que eu tinha de passar porque num ano e três meses que ele passou, as mulheres que estavam lá, sofredoras igual a mim, eu me tornei a representante das mulheres de presos no tempo que eu tive lá. Falando e brigando tive a oportunidade de fazer uma troca na água, porque a água era imoral. Na época voltamos 1.500 comidas que estavam apodrecidas, gritei, levei os direitos humanos, levei deputado. Mas passei por tudo que toda mulher passa independentemente de ter uma carteira que me dá livre arbítrio pra entrar. Eu passei por aquela revista horrível, que depois disso colocaram o que era necessário, porque a gente ficava daquele jeito, *acocada (de cócoras)*...

Passei por tudo, mas se eu não tivesse feito bondade com os meninos aqui de rua, meu filho não teria passado um ano, ele teria sido morto com três, quatro meses dentro do sistema. Mas quando eles me viram pela primeira vez: “Ah, tia Nereide, tá fazendo o que aqui?”. E eu: “Ah, é meu filho.” Aí o George: “Mãe, depois que os meninos passaram a saber que eu era seu filho, eu tive outra vida aqui dentro, os três primeiros meses foram muito difíceis”. Se mata lá dentro, se faz coisa que a gente nem imagina.

Daniel – Eu conversei um pouquinho com o filho da senhora. Ele disse que o dia mais feliz da vida dele foi o dia em que a senhora foi buscá-lo para tirá-lo da cadeia. Quero saber como é que foi esse dia...

Nereide – Foi emocionante! É como tu *estar* com nove meses e teu filho estar nascendo de novo. Foi esse o sentimento que eu tive, o de estar gerando de novo o meu filho. Colocando ele pra fora de novo porque tanto ele, como eu, como o irmão, a gente pulava, a gente gritava, ainda trouxemos três presos com a gente porque não tinham dinheiro. A gente saiu de lá 22h30min e eu imaginando

aqueles meninos dentro de uma BR daquela em tempo de serem mortos. Olha o cuidado que o sistema tem!

Mylena – Na pré-entrevista você falou que faz muita coisa: trabalha, dança, namora... Contou também, ao longo dessas duas horas (*tempo de duração da entrevista*), todas as realizações que a senhora já teve como mãe, avó, militante. O que a senhora planeja fazer e espera ver aí nesses próximos anos?

Nereide – Eu estou terminando duas especializações, né? Uma é em Psicopedagogia, um complemento pra minha Pedagogia, a minha profissional como a interdisciplinar, mas já estou querendo fazer Direito. Que esse é o verdadeiro patamar pra eu ajudar mesmo a quem precisa na área penal e criminal. Depois dessa eu acho que vou ficar meio leve. Quero não, eu vou fazer! Porque eu sou mulher de querer não, eu sou mulher de fazer! Mas tem uma coisa que eu carrego comigo, viu gente? A humildade. A humildade é um ponto fundamental e não esquecer as origens, porque, quando a gente esquece as origens, a gente esquece a identidade. Aí a gente passa a ser outra pessoa. Quero continuar sendo essa Nereide, espontânea, energética...

*** Nota da redação e da equipe de produção desta entrevista: a Assessoria de Comunicação da Polícia Militar do Estado do Ceará (PMCE), procurada pelos produtores da entrevista para falar sobre as declarações de Nereide, enviou o seguinte:**

Bom dia, senhora estudante (*referindo-se a Mylena Gadelha, da equipe de produção*). Acreditamos que, como pesquisadora da temática em alusão, deve ter conhecimento que o tráfico de drogas é uma problemática bastante complexa, e que [sic] envolve diferentes atores sociais, não ficando portanto a solução [sic] desse imbróglio a cargo exclusivo das polícias militares. Pontuando, especificamente, a declaração da entrevistada (Líder Comunitária) – em que insinua haver envolvimento ilícito de policiais com indivíduos que fomentam o tráfico de drogas –, a Polícia Militar do Ceará repudia totalmente tal atitude, e orienta a quem tiver conhecimento de condutas incompatíveis com a profissão de policial militar, como a citada acima, que formalize denúncia junto à Controladoria Geral dos Órgãos de Disciplina dos Órgãos de Segurança Pública e Sistema Penitenciário do Estado do Ceará – CGD; e, se o denunciante optar pelo anonimato, poderá registrar o fato à Ouvidoria do Estado através do telefone 155. Atenciosamente, Assessoria de Comunicação da PMCE.

Após a edição do material da entrevista, o professor Ronaldo orientou a equipe de produção a entrar em contato com a Polícia, por conta de algumas declarações de Nereide.

Durante a avaliação da disciplina, já no final do semestre, todos os participantes da revista ainda citavam a entrevista com a Nereide como uma das experiências jornalísticas mais importantes que já tiveram ao longo da faculdade.